

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

CLARA CARDOSO FERREIRA COSTA

IDENTIDADES EM FLUXO:

uma análise sobre as construções identitárias dos sujeitos em deslocamento no curso de
Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense de Niterói-RJ

Niterói
2017

CLARA CARDOSO FERREIRA COSTA

IDENTIDADES EM FLUXO:

uma análise sobre as construções identitárias dos sujeitos em deslocamento no curso de
Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense de Niterói-RJ

Monografia apresentada ao Curso de graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense,
para obtenção do Grau de Bacharel em Produção
Cultural.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Lucia Silva Enne

Niterói

2017

Costa, Clara Cardoso Ferreira

Identities in flux: an analysis on the constructions of identities of subjects in displacement in the course of Cultural Production of the Universidade Federal Fluminense de Niterói- RJ/ Clara Cardoso Ferreira Costa. – Rio de Janeiro, 2017.

69f.

Orientador: Prof. Dra. Ana Lúcia Silva Enne

Monografia (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, 2017.

1. Produção Cultural. 2. Identities. 3. Território. 4. Deslocamento. I. Título

CDU 7.03 (815.3)

CLARA CARDOSO FERREIRA COSTA

IDENTIDADES EM FLUXO:

uma análise sobre as construções identitárias dos sujeitos em deslocamento no curso de
Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense de Niterói-RJ

Monografia apresentada ao Curso de graduação em
Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense,
para obtenção do Grau de Bacharel em Produção
Cultural.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lucia Silva Enne (Orientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^ª. Dr^ª. Flavia Lages de Castro
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Ms. Patrícia Matos dos Santos
Universidade Federal Fluminense

Aos sonhadores, ousados e corajosos, que saem de suas casas para desbravar o mundo.

AGRADECIMENTOS

No decorrer de minha viagem monográfica, muitas pessoas extraordinárias embarcaram comigo nesta aventura e me deram suporte em cada passo dado. Sem vocês, essa jornada não teria alcançado seu ponto final. Por essas e tantas outras, minha gratidão vai:

À minha excepcional mãe, que me levou nos braços nos momentos mais turbulentos e me trouxe nova luz nos becos escuros entre uma página e outra;

À querida Ana, minha professora e orientadora, por me dar o bilhete inicial nesse trem e aceitar entrar nele junto comigo desde a primeira estação;

À minha brilhante irmã Mariana, que doou seu escasso tempo para revisar as rotas que eu decidira tomar em cada frase;

Às professoras Patrícia e Flávia, que aceitaram de primeira ouvir meus relatos e participar dessa andança que sai do Maranhão, corre todo um país e faz longa parada em Niterói;

A Stephany, Giovana, Luiza, Dominique e Isabella, que não apenas me acompanharam nesses últimos quatro anos em Produção Cultural, como torceram por mim em cada parada obrigatória e sempre estiveram disponíveis para ler meus diários de bordo;

A Marcos e Günter, que diariamente suportaram meus longos passeios e fizeram questão de que eu estivesse confortável e fosse cuidadosa ao pisar nos tijolos amarelos à minha espera;

À minha prima Janaína, que se dispôs a colocar minha viagem nos eixos e trilhos corretos da ABNT;

A meu pai que, de um jeito muito singular, renovou minha vontade de terminar esta marcha;

À minha maravilhosa família, espalhada por esse Brasil de meu Deus, que acreditou em meu potencial e me apoiou em todas as andanças, mesmo de longe;

A Márcio, meu companheiro de deslocamento, amigo tão querido e de longa data, que sabe exatamente o que significa ser de lá, da Ilha do Amor, e compartilhou comigo a grande aventura dos últimos quatro anos na Cidade Maravilhosa;

Aos meus queridos e fantásticos amigos do Rio e do Maranhão, que acreditaram em mim, fizeram e fazem parte de minha itinerância;

A Duda, Rodrigo, Victor e Ana Luiza, companheiros de deslocamento e peças-chave para a realização desta viagem em particular;

A Ele, que me ofereceu todas as possibilidades de uma vida deliciosa e deslocada.

Passei por diversos lugares, criando vínculos quaisquer com pessoas, espaços e gestos. [...] Pessoas foram meus lugares. Ou fizeram de um lugar qualquer, um pouco meu.

Jackson Jacques

RESUMO

A identidade cultural compreende uma categoria estudada e refletida em diversas áreas do conhecimento, o que demonstra a significativa relevância da temática. Com o avanço dos estudos e pesquisas sobre essa categoria, sua abordagem passou a ser compreendida numa perspectiva plural, portanto, é mais correto falar em identidades culturais. Este trabalho busca analisar o processo de construção dessas identidades a partir de um recorte acerca de um público específico contextualizado na amostra identificada no curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF) do campus Niterói-RJ. Trata-se de uma análise acerca dos estudantes que migram de suas cidades e realidades culturais de origem para estudarem Produção Cultural no território fluminense. Esses estudantes são identificados no presente trabalho como sujeitos em deslocamento, pois ao saírem de seus locais de origem deixam de ser “um de lá” e ao vivenciarem uma nova realidade territorial e cultural, também não chegam a ser “um de cá”. Nesse sentido, compreende-se o processo de construção das identidades em fluxo. Inspirada na própria realidade, a autora do presente trabalho se inclui entre esses sujeitos e discorre o trabalho implicando-se, por sucessivas e recorrentes vezes, conciliando os papéis de pesquisadora e sujeito da pesquisa. Para a realização do trabalho, foi selecionada uma revisão bibliográfica interdisciplinar, percorrendo a literatura antropológica, sociológica, cultural, ao mesmo tempo em que se recorreu a entrevistas dos sujeitos da pesquisa, correspondendo aos alunos em período de conclusão do curso de Produção Cultural da UFF-Niterói. Estes alunos vivenciaram o deslocamento (e vivenciam, ainda, mesmo que em finalização), experienciando um processo de construção identitária singular e podendo relatar sobre até que ponto suas identidades culturais de origem foram e são consideradas, a ponto de influenciarem no curso realizado, como forma de contribuir com um estudo mais ampliado das referências culturais, ou seja, de um possível multiculturalismo na formação acadêmica. O texto é construído de forma poética, onde cada capítulo dialoga com letras de músicas brasileiras que retratam a condição dos retirantes, com ênfase nas letras nordestinas, o que, sem dúvida, denuncia as identidades da própria autora.

Palavras-chave: Identidades. Cultura. Deslocamento. Território. Fluxo. Produção cultural.

ABSTRACT

Cultural identity grasps a category studied and reflected in various areas of knowledge, which demonstrates the issue's special relevance. With the development of the studies and researches concerning such matter, its approach started to be perceived in a plural perspective, therefore, it is more correct to speak of cultural identities. The present study aims to analyze the construction process of such identities from a clipping about a specific public contextualized in the sample noted in the course of Cultural Production of the Fluminense Federal University's (UFF) campus in Niterói-RJ. It analyses students that migrate from their cities and cultural realities of origin to study Cultural Production in the fluminense context. These students are identified in this work as subjects in dislocation, for, as they leave their places of origin, they stop being "one from there" and as they experience a new territorial and cultural reality, they do not become "one from here". Seen in this terms, it can be understood the identities' construction process in a state of flux. Inspired by her own reality, this work's author includes herself among the subjects while speaks about the matter, continuously and constantly, and conciliates the roles of researcher and investigation subject. For this work, an interdisciplinary bibliographic review has been selected, combining Anthropology, Sociology, Cultural Studies and interviews with the investigation subjects (students in the conclusion phase of the course of Cultural Production at the UFF's campus in Niterói). Such students have experienced dislocation (and still do even though they are in the end of such experience) and an unique indentity's construction process and are able to narrate how much their original cultural identities have been and are considered to an extent as to affect the accomplished course, as a contribution to a more diversified study in terms of cultural references, in other words, to a possible multiculturalist academic education. The text was poetically written and each chapter dialogues with Brazilian songs about the migrant's condition, emphasizing northeastern lyrics, exposing, without a doubt, the author's own identities.

Keywords: Identities. Culture. Dislocation. Territory. Flux. Cultural production.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Motivações para cursar Produção Cultural.....	28
Gráfico 2 –	Alunos que se identificam com as culturas de seu lugar de origem.....	37

LISTA DE SIGLAS

DEED	–	Diretoria de Estatísticas Educacionais
Inep	–	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	–	Ministério da Educação
UFF	–	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	POR SER DE LÁ: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE.....	18
3	MINHA VIDA É ANDAR POR ESSE PAÍS: PERCORRENDO OS CONCEITOS DE ENTRE-LUGAR E DESLOCAMENTO.....	30
4	MAS ANDO E PENSO SEMPRE COM MAIS DE UM: FLUXO, CULTURA E HIBRIDISMO.....	42
5	CONCLUSÃO.....	52
	REFERÊNCIAS.....	55
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	58
	ANEXO A – LETRA DE “LAMENTO SERTANEJO”.....	60
	ANEXO B – LETRA DE “MODINHA PARA GABRIELA”.....	61
	ANEXO C – LETRA DE “A VIDA DO VIAJANTE”.....	62
	ANEXO D – LETRA DE “SAMPA”.....	63
	ANEXO E – LETRA DE “MISTÉRIO DO PLANETA”.....	64
	ANEXO F – LETRA DE “ASA BRANCA”.....	65
	ANEXO G – LETRA DE “ALEGRIA, ALEGRIA”.....	66
	ANEXO H – LETRA DE “EXPRESSO 2222”.....	67
	ANEXO I – LETRA DE “BAILES DA VIDA”.....	68
	ANEXO J – POEMA “A ILUSÃO DO MIGRANTE”.....	69

1 INTRODUÇÃO

No processo de conclusão do curso de graduação em Produção Cultural, tendo como uma das exigências a elaboração de um trabalho monográfico, a escolha do presente tema ocorreu em função de uma inquietação pessoal presente durante todo o período de duração do curso. Sem dúvida, muitas temáticas foram de significativa relevância e poderiam ter sido escolhidas para a elaboração do trabalho monográfico, mas predominou a inquietação sobre a diversidade cultural a um nível pessoal. Diversidade essa, presente e explicitada no corpo discente do referido curso e nas identidades dos alunos que se deslocaram de seus lugares de origem para estudar cultura na Universidade Federal Fluminense (UFF) de Niterói.

Levando em consideração o objeto de estudo principal do curso – a cultura brasileira – é de extrema importância que a diversidade cultural esteja em constante reflexão e seja um dos objetivos a serem contemplados pelo (e para o) corpo discente. Além de ser característica nítida do povo brasileiro, a diversidade cultural se faz presente inclusive, e de forma significativa, por alunos advindos de diversos lugares do país. Observando as interações entre essas pessoas, pertencentes ao mesmo território nacional, mas de lugares tão diferentes entre si, que mais fazem o Brasil parecer um contingente de países e não de estados, percebe-se a dinâmica não só da diversidade cultural como das próprias identidades dos sujeitos e a beleza da possibilidade de troca de informações e visões de mundo no contexto universitário. A pretensão desse trabalho é de analisar esses alunos a partir de conceitos como território, cultura, identidade e deslocamento.

O território, conceito-chave para o trabalho, aparece como influência imprescindível para o desenvolvimento da sociedade e dos sujeitos que nela se inserem. Para esclarecer tal influência, é preciso distinguir os limites da mesma e como ela atua nos sujeitos. Por exemplo, apesar desta influência ser levada em consideração, não se pensará no termo “determinismo geográfico”, pois sugere uma demanda e uma obrigação que não condizem com a mutabilidade das identidades culturais e dos próprios territórios. Portanto, formulemos: o lugar onde um indivíduo cresce – não necessariamente o de nascimento, embora esse também carregue uma gama de simbolismos e expectativas que acompanham o indivíduo em seu crescimento – também é o lugar onde este aprende a se comunicar, onde desenvolve sua visão de mundo e se torna um ponto fixo de seu presente/passado, mas este lugar não *determina* quem esse sujeito será, tendo em vista que cada sujeito interage com o território a seu modo.

A cultura é algo “[...] profundamente subjetivo e pessoal e, ao mesmo tempo, uma estrutura em que a gente vive”. (HALL, 2011, p. 390). Portanto, sua complexidade resulta em

uma polissemia. Se a cultura é resultado da ação de um conjunto de indivíduos, até que ponto ela influencia na construção desses próprios indivíduos? Pensar o sujeito em suas culturas e as culturas em um sujeito (manifestadas através do mesmo) é um exercício de indefinido fim, levando em consideração o caráter mutável e dinâmico de ambos os tópicos, assim como de extrema importância e necessidade, para que se entenda não somente o sujeito contemporâneo como o reflexo de suas ações no mundo em que vive.

De acordo com a concepção do sujeito pós-moderno de Hall (2005), não há uma identidade fixa e permanente, mas uma formação e transformação contínua, definida historicamente, a partir da qual o sujeito assume diferentes identidades em diferentes circunstâncias, identidades tais não unificadas e não necessariamente concordantes entre si.

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13).

Se essa divergência de identidades já é peculiar por si só, com o sujeito em deslocamento é ainda mais interessante. O sujeito em deslocamento, aqui colocado, é aquele que sai de seu lugar de origem, ou seja, do ambiente familiar em que construiu seu imaginário de mundo – ponto de partida de sua identificação (mesmo que seja uma resposta negativa ao lugar) e onde construiu suas diferentes identidades – e se estabelece, ainda que temporariamente, em outro lugar, onde encontra outro imaginário, outras visões de mundo, outras pessoas e outras inúmeras identidades.

Neste trabalho, o foco é a movimentação dos sujeitos dentro do Brasil, mais especificamente, de estudantes em deslocamento do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói – RJ, com o objetivo de estudar cultura. Com eles, buscou-se identificar suas experiências com a mudança, com o reconhecimento de si, com a interação com demais alunos “vindos de fora” e os fluminenses e com o próprio curso.

Nesse sentido, é importantíssimo considerar o papel e o espaço da Universidade, como lugar de construção de conhecimento aprofundado, com a meta de preparar os estudantes para o mercado de trabalho, constituindo-se um espaço de troca de informação e pensamento. Para os estudos culturais, é uma fonte inesgotável de diversidade e interação entre diversas culturas em um mesmo espaço.

Para analisar essa troca de informações entre os sujeitos, também é preciso questionar o próprio sentimento de pertencimento a culturas e/ou a um lugar; sua influência nas identidades do sujeito e se, ao perder o contato direto com esse lugar de origem, até que ponto o sujeito permanece parte desse lugar e desse povo, registrando o limite do pertencimento e da identificação e até que ponto esse limite é real. Sobretudo, considerando a realidade brasileira, refletindo sobre a existência de uma fronteira entre o que seja especificamente do lugar de origem (estado, cidade) e o que é nacional. Levando em consideração também o estranho e quase inexistente nacionalismo brasileiro (nacionalismo aqui visto como sinônimo de patriotismo), ser brasileiro pode significar se sentir parte de qualquer ponto do Brasil ou não – não deixando de considerar a discriminação “escondida” dos brasileiros para com os brasileiros.

Para o sujeito que sai de seu lugar natal, onde seu imaginário foi construído, e se insere em um ambiente cujo imaginário é outro – às vezes, quase completamente diferente – ele pode se deparar com o processo de construção, desconstrução e reconstrução de seu imaginário e, também, de suas identidades. No caso, ele sendo um universitário, é importante analisar o que muda em sua relação com o mundo e com seus colegas e se consolida alguma diferença.

Pensando na relação entre identidades culturais, território, deslocamento, hibridismo, entre-lugar e fluxo, este trabalho se direciona para analisar, também, esse espaço que o sujeito em deslocamento ocupa e as consequências geradas tanto nesse, quanto no próprio sujeito em decorrência de sua movimentação. Assim, pretendeu-se refletir sobre o próprio deslocamento do sujeito e os limites da identificação e do pertencimento dele tanto com seu lugar de origem quanto com o lugar em que ele se estabelece ao se deslocar.

A partir dessas reflexões, alguns questionamentos inspiraram a realização deste trabalho, definindo-se como problemas de pesquisa. São eles: De que maneira o curso de Produção Cultural consegue contemplar as diferentes culturas brasileiras? Ele se vale da presença dos sujeitos em deslocamento para tal? Até que ponto a presença de tais sujeitos interfere no processo de graduação dos alunos do curso? Os sujeitos em deslocamento têm uma formação no curso de Produção Cultural que os habilita a trabalhar nos seus lugares de origem ou apenas na região fluminense?

Para a realização do presente trabalho e como forma de analisar e buscar respostas para os problemas apresentados, foi estabelecido como objetivo geral da pesquisa: analisar se e como o curso de Produção Cultural da UFF Niterói aborda o multiculturalismo presente nas diferentes culturas brasileiras. Além deste, foram pretendidos os seguintes objetivos específicos: investigar se a presença e a interação dos sujeitos em deslocamento presentes no

corpo discente do curso de Produção Cultural (UFF – Niterói) interferem na formação acadêmica do referido curso, considerando suas informações culturais de origem; e identificar se o curso de Produção Cultural (UFF – Niterói), no que tange à aptidão dos produtores por ele formados, capacita para a atuação nos diversos mercados culturais do território brasileiro.

A pesquisa apresenta um teor de ordem predominantemente qualitativa (embora com tabulação de dados quantitativos), descritiva, bibliográfica, documental e de levantamento.

As pesquisas desse tipo [descritiva] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis [...]. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo [...]. A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica [...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico [...] (GIL, 2008, p. 27, 50-51).

Como forma de obter os objetivos propostos, recorreu-se aos seguintes procedimentos metodológicos, envolvendo quatro etapas do trabalho.

A primeira etapa correspondeu aos estudos e levantamento bibliográfico, recorrendo-se a uma literatura interdisciplinar, com referencial teórico, envolvendo autores dos estudos culturais, sociológicos e antropológicos, para estudar temas como cultura(s), identidade(s), território, hibridismo, deslocamento, entre-lugar e fluxo. Essa heterogeneidade de conhecimentos foi de grande relevância para a obtenção de informações diversas e amplas sobre o objeto de pesquisa, assim como sua análise.

Na segunda etapa, foi realizada pesquisa de campo, através de questionários aplicados junto aos alunos concluintes do curso de Produção Cultural da UFF – Niterói, período 2016.2, caracterizados como sujeitos em deslocamento, por terem saído de suas localidades de origem para fazerem o referido curso na citada instituição acadêmica. Estes também foram constituídos como sujeitos da pesquisa, por estarem em fase de conclusão do curso e, assim, poderem relatar suas percepções e experiências por todo o processo de formação acadêmica.

A terceira etapa consistiu na análise de dados obtidos pela leitura dos materiais bibliográficos e da tabulação dos questionários aplicados. Assim, além dos dados quantitativos, são apresentadas também algumas análises qualitativas sobre esses dados coletados, como forma de, associadas à pesquisa bibliográfica, buscar respostas ao problema da pesquisa.

Na quarta e última etapa foi feita a elaboração e revisão do relatório final do trabalho, com a sistematização total das informações obtidas na pesquisa bibliográfica e de campo, para culminar com a sua apresentação junto à Banca Examinadora.

Quanto à estrutura textual deste trabalho, apresenta-se esta introdução, que visa destacar a justificativa da escolha do objeto e sua relevância, as questões que sustentam a pesquisa, os objetivos e procedimentos metodológicos, e mais três capítulos, a seguir descritos. A proposta do trabalho é a de acompanhar o processo de deslocamento do sujeito nas três etapas de sua viagem: saída, trajeto e chegada, pensando nelas e nas etapas de construção, desconstrução e reconstrução identitária que as acompanham.

No primeiro capítulo, denominado “Por ser de lá: algumas reflexões sobre território, cultura e identidade”, que discorre sobre a construção identitária dos sujeitos em seus territórios de origem, refletiremos sobre como esse território e as culturas relacionadas a ele influenciam tal construção, os estereótipos ligados aos lugares e identidades culturais e o que exatamente significa “ser de lá”.

No segundo capítulo, intitulado “Minha vida é andar por esse país: percorrendo os conceitos de entre-lugar e deslocamento”, que trata do processo de desconstrução identitária, pensaremos sobre o momento de contato entre o sujeito em deslocamento e o novo território no qual ele se estabelecerá.

O terceiro e último capítulo, sob o título “Mas ando e penso sempre com mais de um: fluxo, cultura e hibridismo”, trata da última etapa: a reconstrução identitária. Fala, portanto, de quem é, ou melhor, de como está o sujeito depois do deslocamento e de se estabelecer em um novo território.

Por fim, este trabalho foi concluído com a apresentação das considerações finais, cujas reflexões relatam a análise dos resultados obtidos pela pesquisa, como um todo.

Como dito antes, o trabalho nasceu de uma inquietação pessoal. Eu, pesquisadora deste, também me enquadro como sujeito em deslocamento e faço parte do grupo de alunos que é aqui estudado. Por isso, mostrou-se de vital importância enquadrar minhas experiências como maranhense e aluna de Produção Cultural pelos últimos quatro anos. Assim como acompanharemos as viagens de meus colegas, acompanharemos a que fiz no começo de 2013 e que culminou nesta pesquisa.

2 POR SER DE LÁ: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

“Por ser de lá
 Do sertão, lá do cerrado
 Lá do interior do mato
 Da caatinga, do roçado
 Eu quase não saio
 Eu quase não tenho amigo
 Eu quase que não consigo
 Ficar na cidade sem viver contrariado”

Lamento Sertanejo
 Dominginhos/Gilberto Gil

Quando Gilberto Gil compôs a letra do que ele chamou de “Forró de Dominginhos”, ficou pronta a espetacular canção – parceria com o mestre Dominginhos – *Lamento sertanejo*¹, que conta a estória do viajante, sob o exemplo do sertanejo retirante que se vê e se sente, súbita, simultânea e claramente, um estrangeiro no lugar em que está e pertencente ao lugar do qual saiu. Na “cidade”, ele não fala a mesma língua, não sabe das mesmas coisas, não come sem um toque do passado, enfim, “não é um igual”.

Este capítulo, de certa forma inspirado pelos ditos desta canção, trata exatamente do “antes”: de quando ele era “igual” aos seus conterrâneos (na identidade cultural) e do ponto de partida de sua viagem, ou seja, de quando ele ainda estava em seu lugar de origem.

Explicando melhor, este capítulo trata dessa anterioridade relacionada à origem cultural dos sujeitos aqui estudados que denominaremos *sujeitos em deslocamento*, em situação similar à do eu lírico da música. Pretende-se, com isso, enfatizar que existe toda uma caracterização sobre a origem cultural antes do deslocamento e, nesse sentido, falar da importância desse ponto de partida para a discussão identitária desse sujeito. E, assim, refletir sobre o quanto esse lugar onde nasceu e cresceu o influenciou (e influencia). Mais ainda, tentar compreender o que “ser de lá” possa significar para um sujeito em deslocamento, no caso específico da pesquisa, para um(a) aluno(a) de Produção Cultural.

Na Universidade Federal Fluminense (UFF), o curso de Produção Cultural nasceu em 1995, com o objetivo de dar respaldo acadêmico a uma profissão já consolidada, mas que ainda era aprendida sem uma base teórica fechada, baseando-se quase completamente no conhecimento empírico – por não ser, ainda, uma profissão regulamentada, ou seja, sem a obrigatoriedade de um diploma de curso superior para exercê-la. Com um currículo

¹ ANEXO A.

interdisciplinar (Cultura e Arte) e sendo um curso oferecido em apenas oito instituições credenciadas pelo Ministério da Educação (MEC) em todo o território brasileiro, o curso inevitavelmente atrai muitas pessoas de diversos pontos do país. No caso da UFF, tanto o campus de Rio das Ostras (RJ) quanto o de Niterói (RJ) se tornam também atrativos pelo cenário cultural famoso e efervescente do Rio de Janeiro.

De acordo com o portal online do curso, seus objetivos são:

1. Dar respaldo acadêmico a uma profissão já há muito consolidada no mercado;
2. Unir áreas do saber filosófico-científico com multimeios e planejamento cultural;
3. Formar profissionais que não apenas reproduzam modelos, atendendo às exigências mercadológicas, aos interesses hegemônicos da indústria cultural, mas capazes de ter iniciativas e desenvolver projetos que valorizem a diversidade sociocultural;
4. Formar produtores conscientes de sua importância e dotados de uma nova visão da cultura, valorizando-a em seu potencial transformador, associando-a à educação, visando construir uma sociedade melhor;
5. Estabelecer intercâmbios com entidades e centros culturais, no sentido de construir parcerias em projetos e de propiciar aos alunos, estágios em todas as etapas da produção cultural.

No decorrer do curso, fica evidente que, apesar de ter um bloco específico pensando nos diversos meios de expressão artística, sua principal inclinação está voltada para o desenvolvimento de uma linha de pensamento crítico sobre a produção cultural do nosso país e gerar produtores-gestores capazes de desenvolver projetos e trabalhos que valorizem a diversidade sociocultural, conscientes de seu papel, importância e do potencial transformador da cultura – ou seja, não é uma formação tão técnica, que trabalhe mais a produção executiva, mas uma formação teórica, que trabalha mais politicamente a produção cultural e os futuros produtores brasileiros.

Ora, se essas são as características da linha de pesquisa, dos objetivos e do corpo discente do curso (pelo menos, o corpo discente em Niterói - recorte espacial desta pesquisa), não é estranho que se suponha que a diversidade cultural seja um dos principais pontos abordados no curso. Também é de se imaginar que a presença de alunos, provenientes de outras regiões do país, enriqueça as discussões e a construção de conhecimentos realizados nas salas de aula. Mas será que isso realmente acontece?

Neste trabalho, no intuito de obter essa resposta, entre outras, foi realizada uma pesquisa, com alguns questionamentos, junto a alunos, já denominados *sujeitos em deslocamento*, em período de conclusão do curso, visando identificar suas percepções e experiências vivenciadas no processo de formação acadêmica.

De acordo com o questionário² aplicado, as respostas dos alunos sobre a existência ou não de uma abordagem multicultural no curso, de forma a contemplar as culturas de suas localidades de origem, revelaram que o curso é abrangente e diversificado, mas que essa abordagem multicultural se dá muito mais nas disciplinas optativas do que nas obrigatórias. Nesse tocante, as respostas demonstraram que os alunos dão importância ao enfoque multicultural, mas não o perceberam de forma expressiva no curso. Avaliaram que o foco é prioritariamente sobre a cultura local e as disciplinas que os alunos obrigatoriamente têm que cursar não colocam, em geral, a diversidade cultural como elemento estruturante.

Compreende-se que não há erro em considerar o cenário local, mas sim em não levar em consideração (ou não levar em consideração tanto quanto necessário) que a formação dada pelo curso não gerará produtores culturais para o Rio de Janeiro apenas, mas para diversos outros territórios do Brasil, com mercados culturais diferentes do fluminense.

Perguntados se suas presenças e conhecimentos acerca das culturas de seus lugares de origem foram aproveitados e se influenciaram no desenvolvimento do curso, as respostas relataram que apenas esporadicamente havia esse tipo de troca, bem informal, com alguns comentários e exemplos em aulas, para reforçar explicações dos professores, mas que não representou nenhum tipo de influência significativa no desenvolvimento do curso.

Como todo conceito abstrato, estudar Cultura é se aprofundar em um campo do conhecimento extremamente complexo que, ao mesmo tempo em que visivelmente se aplica na prática, se dispersa de forma mais solta, abrangente e plural na teoria. Até os dias atuais, não existe um consenso entre os pensadores da área acerca da definição do conceito. A partir do século XX, os Estudos Culturais, enfim, estabelecem-se como tal – segundo Hall (2011, p. 132), “[...] os Estudos Culturais, como problemática distinta, emergem [...] nos meados da década de 1950” – e, como dois de muitos questionamentos, os estudiosos passam a investigar mais a fundo o conceito de Cultura e o processo de construção identitária do sujeito, identificando uma mudança fundamental na pós-modernidade – pontos fundamentais deste trabalho.

Até então, entendia-se a identidade como uma, fixa, sinônimo de *ser*, finalizada em si mesma – um reflexo da estrutura da própria sociedade – exatamente como a famosa *Modinha*

² APÊNDICE A.

*para Gabriela*³ de Dorival Caymmi: “Eu nasci assim, eu cresci assim, e sou mesmo assim, vou ser sempre assim”. Segundo Pierre Bourdieu (1996), o começo e principal instrumento de tal fixidez da identidade é o nome próprio, combinação de palavras que acompanharia o sujeito, sem mudar, identificando-o como tal, do começo até o fim de sua vida, sem levar em conta seu crescimento e suas transformações.

O mundo normalizado, que tende a identificar a normalidade como a identidade entendida como constância em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo, inteligível, à maneira de uma história bem construída (por oposição à história contada por um idiota), dispõe de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do eu. (BOURDIEU, 1996, p. 186).

O sujeito moderno era pouco maleável, ou melhor, era visto e entendido como pouco maleável, com uma identidade singular, enquanto o sujeito pós-moderno é visto com identidades múltiplas que dialogam com o tempo, o espaço e demais sujeitos. Como Deleuze (1992) teoriza, em associação às análises de Michel Foucault, os indivíduos eram disciplinados um a um com o objetivo de se adequarem a um padrão, naquela que ele chama de “sociedade disciplinar” (séc. XVIII ao XX). A partir da quebra da sociedade moderna – a sociedade disciplinar – para a contemporânea ou pós-moderna, quebra-se também essa estrutura e esse pensamento acerca do que se entende por sujeito – até mesmo a mudança do nome “indivíduo” para “sujeito” reflete esse novo olhar, que pensa na pessoa como subjetiva, em vez de focar nela como uma parte de um todo. Dessa forma, é com esse olhar que se pretende enxergar os sujeitos que aqui são objetos de pesquisa, assim como entender suas narrativas como únicas – por mais similares que possam ser.

Dentre as diferentes narrativas existentes no mundo, talvez a mais perigosa e inquietante seja a da identidade de um sujeito. Arelada à história de vida e à visão de mundo, a identidade traz sentido à existência, aos papéis sociais pelo sujeito desempenhados, ao seu posicionamento e suas opiniões. Em tese, é a partir das características básicas dadas a uma pessoa que ela compreende e age em cima dos limites da *persona* que representa, tentando alcançar uma coerência com o esperado de tal *persona*. Entretanto, durante toda a vida, em sociedade, uma pessoa se apresenta a outrem diversas vezes – ou seja, ela se narra diversas vezes – e, a cada vez que o faz, depara-se com uma apresentação diferente da feita anteriormente.

É chegado o momento de ligar os dois estudos independentes que precedem e de pôr à prova minha hipótese de base, a saber, que existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: *que o tempo torna-se humano na medida em que é articulado de um*

³ ANEXO B.

modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. (RICOEUR, 1994, p. 85, grifo do autor).

Isto porque as narrativas, assim como o próprio sujeito, *estão* (não *são*) em constante fluxo, em constante mudança. Ricoeur (1994) teoriza como um movimento de extensão, compressão e distensão tempo-espacial das narrativas (nas quais se podem inseri-las nas identidades dos sujeitos), que as interliga e distancia umas das outras e delas mesmas. O mais importante ponto desta teoria, para este trabalho, é a elasticidade das narrativas, que impossibilita, logicamente, uma aceitação de estereótipos e discursos fechados sobre as identidades dos sujeitos.

Por exemplo, a narrativa mais conhecida sobre o nordestino brasileiro é a do povo sertanejo trabalhador, que briga com a seca, que labuta na roça, que se retira de sua terra natal em busca de uma vida melhor na "cidade grande", que não apenas pertence ao interior como – utilizando Dominginhos e Gil – quase não consegue ficar na “cidade” sem se contrariar, pois ali não pertence. Assim como esta, cada região brasileira, cada estado, cada canto do Brasil tem uma narrativa, que foi tomada como generalizada para o povo nascido e crescido nesta ou naquela localidade. Tal narrativa gera *pré-conceitos* que criam expectativas nos sujeitos que não fazem parte daquela população acerca da mesma, como se o local de origem de uma pessoa estivesse atrelado a um destino específico ou a uma história de vida específica ou a um tipo de personalidade específico.

Se encararmos a narrativa e a encararmos como uma verdade absoluta, em vez de pensarmos ser *uma* (narrativa) que se aplica a casos e não ao todo, renegamos todas as outras também existentes sobre o povo nordestino – narrativas que podem até mesmo anular o estereótipo. As culturas de um lugar e de um povo, por mais que façam parte da estrutura social do mesmo e tenham uma influência inevitável na formação identitária dos sujeitos, não podem ser encaradas como determinantes das identidades das pessoas, pois as experiências são vividas de maneira única por cada sujeito.

No último capítulo do livro *Da diáspora – identidades e mediações culturais* (2011), Stuart Hall, em entrevista, relata sua própria diáspora no século XX e como, a partir desse deslocamento, ele obteve uma nova maneira de pensar a cultura e o território. Ele afirma: “[...] aprendi, em primeiro lugar, que a cultura era algo profundamente subjetivo e pessoal, e ao mesmo tempo, uma estrutura em que a gente vive”. (HALL, 2011, p. 390). Essa é a linha de pensamento que serve de base para as pesquisas sobre identidade cultural. É preciso compreender que a cultura é vivenciada e redimensionada simultânea e constantemente pelos sujeitos – assim como os sujeitos são redimensionados por ela.

O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 1996, p. 190, grifo do autor).

Uma das facetas da Cultura – e uma de suas muitas definições – é a de que ela é o conjunto de ensinamentos, lendas, hábitos e tradições de um povo; conjunto a partir do qual os sujeitos pertencentes a esse povo agem, pensam e vivem. É a partir de traços que são entendidos como “comuns” que se identifica um povo (os mesmos traços que muito facilmente embasam estereótipos) e que até mesmo se explica o funcionamento e os acontecimentos de determinada sociedade. Sob esse ponto de vista, a Cultura é uma das bases para a formação identitária de um sujeito. Afinal, ele aprende a viver com esse referencial, seja negando-o ou abraçando-o. O meio cultural em que ele se desenvolve é imprescindível para que um sujeito aja.

Esses sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas ‘culturas. Contribuem para assegurar que toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são prática de significação. (HALL, 1997, p. 1).

Na reflexão de Hall (1997) sobre a relação de cultura e poder, ele põe em voga “[...] como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando* tudo” (HALL, 1997, p. 5) e como ela pode ser utilizada para a regulação social, a moralidade e ao governo nas sociedades do modernismo tardio. Ele diz que pode acontecer através dos mecanismos simbólicos e sistemas classificatórios que pertencem e delimitam cada cultura, dos sistemas normativos (do que é entendido como “normal”, ou seja, instrumentos que definem “quem pertence” e quem é “o outro”) e das comparações entre as condutas e práticas das pessoas.

Ele também diz que “[...] a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significados às coisas” (HALL, 1997, p. 10). Realmente, a cultura é uma das formas mais poderosas de significação das coisas e do mundo, assim como uma das maneiras mais universais (em conceito geral, pois é plural e diversa) de comunicação entre pessoas e sociedades. Com base nas culturas de um lugar e de um povo, formulam-se conceitos e se conhece o mesmo – e mais: conhecê-las é imprescindível para se conhecer tal lugar e tal povo.

A cultura, portanto, está intrincada nos processos constitutivos das sociedades contemporâneas e, concomitantemente, dos sujeitos que fazem parte das mesmas. O mais

interessante dessa relação entre a cultura e o sujeito é que a influência de um para o outro é simultânea, equiparada e inevitável. Uma forma o outro e é formado pelo outro. Sem a criação humana não há cultura e sem a cultura não há a existência do ser humano como ser social. A partir do momento em que o ser humano se manifesta, constrói relacionamentos, cria hábitos, ensinamentos e deixa marcas no mundo, ele produz culturas. Para entender a cultura, nesse sentido, é imperioso entender o que essa cultura significa no espaço em que ela é criada e influencia.

Sendo assim, neste estudo, é primordial refletirmos sobre território e cultura, assim como a relação dos dois conceitos no que condiz ao conceito de identidade e ao processo de construção do “eu” de um sujeito. O modo como o sujeito assume a cultura – tendo em vista uma definição que englobe mais do que somente as manifestações artísticas referentes a um povo – misturada e relativa a um território é condição *sine qua non* para a abordagem deste trabalho acerca da construção identitária dos sujeitos.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p. 45).

Apesar de o termo “determinismo geográfico” carregar uma conotação de invariabilidade – de acordo com o antropólogo Roque de Barros Laraia (2001), “[...] o determinismo geográfico considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural” (LARAIA, 2001, p. 21) – que não cabe nas reflexões aqui feitas, não se pode descartar a importância do ambiente durante o crescimento de uma pessoa. Afinal, é naquele ambiente e relacionando-se com as pessoas que ali vivem que o sujeito desenvolverá sua visão de mundo e de si, onde trará suas primeiras interações e onde estabelecerá seu primeiro referencial espacial.

Neste trabalho, é utilizada a visão de Milton Santos sobre espaço, lugar e território, que pensa o espaço como a dimensão física em que o sujeito habita, o lugar como um espaço sobre o qual já foram estabelecidos significados e sentidos e o território como um conjunto de lugares determinado pelas ações políticas dos sujeitos.

A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. Esta é uma outra forma de apreender o objeto da geografia. (SANTOS, 2006, p. 38-39).

O espaço, dado a partir da relação social dos sujeitos consigo e entre si, portanto, deve ser levado em consideração quando se pensa em identidade. Com relação ao sujeito que

se desloca, que transita em mais de um território e, conseqüentemente, em diversos espaços sociais, carregados de diferentes e contrastantes significados e relações sociais, os territórios se reconfiguram e adquirem, ao mesmo tempo, um sentimento muito forte de fixidez e outro – tão forte quanto – de fluidez.

Antes disso, no entanto, o território já afeta o sujeito durante o seu desenvolvimento em sociedade, assim como é afetado por ele. Será de acordo com as regras, os costumes, as tradições, a *cultura*, as apropriações dos lugares, a história, o modo como as interações se dão entre os sujeitos naquele território, a fala, enfim, todas as influências encontradas naquele território – desde as palavras que o sujeito aprenderá à visão política que desenvolverá sobre o território, até o entendimento de como o grupo que ali vive atua no território – que o sujeito desenvolverá seu imaginário, seu posicionamento no território e parte importantíssima da própria imagem que ele construirá para si e para os outros (ou seja, suas identidades).

A maneira como a realidade político-econômica de uma sociedade afeta a subjetividade e o mundo psíquico dos indivíduos é mais complexa e indireta, e se dá fundamentalmente por meio da criação de certos ideais, da valorização de modelos de pensamento, da propagação de certos repertórios de conduta, da difusão de metáforas que se incorporam ao senso comum, enfim pela criação de novos jogos de linguagem, repertório de sentidos ou jogos de verdade que dão consistência ao imaginário de uma época, imaginário através do qual o mundo, a existência e a experiência pessoal ganham consistência e significação. (BEZERRA JUNIOR, 2002, p. 3).

Para entender melhor todo esse processo e a importância da interação sujeito-ambiente, é fundamental compreender a teoria de Milton Santos sobre território, espaço e lugar, como citado anteriormente. Para ele, o *espaço* é primordialmente “neutro”. O uso (social) dele é o que atribui significado a ele, a partir das relações sociais ali travadas. O espaço já significado se configura como *lugar*. Um lugar não significa, por si, uma coisa só, mas uma disputa constante entre os poderes que ali agem. Já o *território* é visto com base em sua dimensão política e carrega as relações coercitivas de poder existentes nele – o exemplo clássico é a do território como estado-nação. Ou seja, os três conceitos, que tendem a ser vistos como fechados e naturais, são criações humanas – são *dimensões culturais*.

Arrematando a teoria de Milton Santos e deixando ainda mais visível como essas três dimensões espaciais são o resultado das ações humanas, Bourdieu (1996) enxerga duas equivalências: entre o espaço físico e o espaço social/simbólico; e entre a sociedade e o espaço. Para ele, o espaço está “dividido” em campos (campo político, campo artístico, campo econômico, campo religioso etc.) que têm “tamanhos” e “pesos” variados e são eles mesmos espaços onde atuam os sujeitos, sempre tentando melhorar suas posições e utilizando artifícios ou, como ele coloca, tipos de capital (econômico, social, cultural e simbólico). Com o uso

desses capitais, não somente os relacionamentos interpessoais são transformados e reformados continuamente como as relações espaciais, também. Resumindo, o que é evidenciado por ele é que, por mais que pareça natural, o espaço é sempre simbolizado e regido pelos sujeitos que nele atuam, em uma disputa interminável por “espaço” e por poder (no sentido mais simbólico, de apropriação).

Rogério Haesbaert, em entrevista ao Observa DR, disse: “na origem, era praticamente só o Estado que era sinônimo de território; o território só existia a partir do território estatal” e confirmou a existência de várias outras construções territoriais atualmente. Ele continua: “o conceito de lugar é aquele que dá conta da dimensão vivida do espaço, a condição identitária ‘tá’ como centro [...], o núcleo fundante do conceito de lugar” e que alguns autores, como ele, veem a singularidade do lugar não como se os fenômenos ali ocorrentes não aparecessem em nenhum outro lugar do mundo, inclusive porque a globalização e a movimentação dos migrantes geram uma interlocução “imensa” de elementos identitários e culturais, mas como se a combinação dos fenômenos fosse única; existem migrantes no mundo inteiro, mas em cada lugar eles se combinam com as culturas locais de uma maneira muito própria.

Haesbaert (2007) também estuda os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, pondo em foco exatamente a relação sujeito-território na contemporaneidade e as implicações políticas dessa relação, ou seja, a territorialidade. Para ele, não é apenas o espaço material que define o território, mas as relações sociais (e de poder) que se desenham através do material. Portanto, um território, por mais que não sofra mudanças físicas, com relação às suas fronteiras, por exemplo, é passível de mudanças de significação por causa das relações nele estabelecidas. Utilizando-se das reflexões de Robert Sack (1986), Haesbaert (2007, p. 22) diz:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está ‘intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar’.

Com esse enfoque, ele analisa os processos de ressignificação do território, baseado nas ações políticas de disputa pelo espaço feitas pelos sujeitos – tendo em vista que “o território, imerso em relações de dominação e/ou apropriação sociedade-espaço, ‘desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica [...] à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”. (HAESBAERT, 2005, p. 6775).

É esse movimento de reterritorialização – ou seja, de ressignificação do território – que o sujeito em deslocamento faz constantemente. Desde a saída do seu lugar de origem, ainda

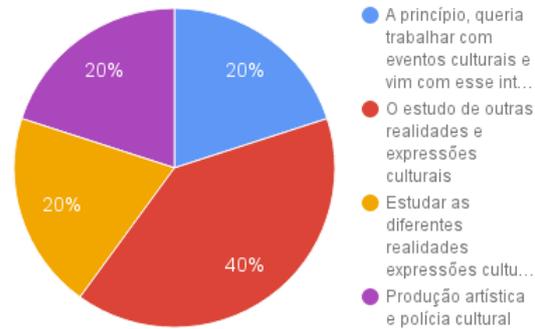
no trânsito entre o anterior e o “novo” território onde se estabelecerá, o sujeito desterritorializa, ou seja, “quebra” seu território inicial e seus significados e, inevitavelmente, desenvolve uma nova concepção do seu próprio território e de novos significados para os territórios, ou seja, reterritorializa-os e a si mesmo, diversificando-os e complexificando-os. Haesbaert (2005) diz também que não se fica, nunca, sem nenhum referencial territorial, por mais que se perca a integralidade do referencial original. O referencial é elástico e tanto se estica quanto se comprime.

Um migrante, por exemplo, estica seu referencial quando adiciona o novo território em que se estabelece como também seu, mesmo sem perder completamente o referencial do seu território de origem, e o comprime quando, por perder a convivência com as pessoas de seu território de origem e a vivência nele, faz com que esse território primeiro tome um referencial mais temporal, menos espacial. Aquele território agora será mais relacionado com o passado do que com o presente. Ele não perderá sua importância na construção identitária do sujeito, mas se transformará em um referencial de uma construção já realizada – ainda com sua inegável influência – que agora se desconstruirá para ser construída uma nova e híbrida combinação de identidades.

Nos questionamentos realizados pela pesquisa, tentou-se observar o processo da construção identitária dos sujeitos em deslocamento presentes no curso de Produção Cultural da UFF (Niterói–RJ). Por exemplo, dos entrevistados, apenas um não se deslocara para o Rio de Janeiro especificamente para cursar Produção Cultural. Indagados sobre o motivo de sua escolha pelo referido curso de graduação, 40% dos entrevistados responderam que o motivo principal foi estudar outras realidades e expressões culturais que não a de seu lugar de origem; e absolutamente todos avaliaram sua experiência de mudar para o Rio de Janeiro como positiva e sociocultural e pessoalmente enriquecedora. Segundo eles, a experiência trouxe amadurecimento, independência, expansão de horizontes no que tange a outras culturas e de relacionamento com pessoas diversas.⁴

⁴ Os gráficos e demais dados correspondem à pesquisa realizada com cinco alunos que, no período correspondente ao segundo semestre do ano de 2016, cursavam a disciplina Trabalho Final II – portanto, estavam em fase de conclusão do curso.

Gráfico 1: Motivações para cursar Produção Cultural



Fonte: Elaborado por alunos cursavam a disciplina Trabalho Final II em 2016.2

Esses sujeitos demonstram, portanto, um tipo de vivência espacial integrada, em que o espaço se desdobra de uma dimensão meramente física para uma simbólica – onde as fronteiras da territorialização governamental importam bem menos do que a experiência cultural/simbólica pela qual os mesmos passam e a qual, simultaneamente, criam. No mundo contemporâneo e globalizado, cujas fronteiras são diariamente desafiadas pelos meios de comunicação “virtuais”, “[...] a realização da multiterritorialidade contemporânea, fica evidente, envolve como condições básicas a presença de uma grande multiplicidade de territórios e sua articulação na forma de territórios-rede”. (HAESBAERT, 2005, p. 678).

Ou seja, o entendimento fechado de território, majoritariamente relacionado às fronteiras espaciais impostas governamentalmente de portais de “bem-vindo à cidade tal” a divisas, não cabe mais na atualidade, em que as informações (de conteúdos dos mais variados) não apenas são transmitidas, mas formam trocas e uma noção mais ampla do que é o mundo e por onde os sujeitos podem transitar – sem necessariamente saírem de casa. Bem antes de saírem e transitarem por ele, os sujeitos já podem reconhecer o espaço e ter conhecimento do que tem ou não ali, assim como saber quem está ou não, e o que é feito ou não.

Ainda assim, com todas as facilidades atuais de troca de informação, via meios de comunicação dos mais diversos, que quebram fronteiras espaciais e expandem a percepção dos sujeitos sobre espaço e troca, assim como os colocam em contato com diversas outras identidades culturais (com as quais o sujeito pode se identificar mesmo sem ter contato direto/presencial com as mesmas), o referencial do território de origem permanece, mesmo que seja (como acontece com alguns dos sujeitos questionados) como um referencial negativo. As

identidades culturais referentes ao lugar de origem inevitavelmente se tornam referenciais no processo de construção identitária, pois é um contato inevitável entre o sujeito e o lugar – diferentemente das culturas de outros lugares e territórios, que precisam de um mediador, como a internet, ou de um deslocamento para que o contato seja feito.

Portanto, é contraproducente não aproveitar essas identidades culturais e estes contatos previamente travados em um curso cuja proposta é estudar as culturas brasileiras e formar profissionais que movimentarão os mercados culturais e os espaços em que essas culturas se manifestam. No Brasil, país em que a desigualdade social predomina nas relações de poder, consumo e posição, um curso cujo objetivo é colocar seus alunos para refletir e, depois, agir como agentes políticos e sociais, que têm capacidade de sair do que é imposto pelas relações estritamente mercadológicas, ter uma amplitude de visões acerca dos espaços em que os alunos atuaram, atuam e atuarão como produtores culturais e consumidores, não é apenas um privilégio ou um capricho, mas uma necessidade.

De acordo com o questionário aplicado aos alunos, eles acreditam que, sim, estão aptos a trabalhar tanto no mercado cultural fluminense, quanto nos mercados de seus lugares de origem, e atribuem tal condição ao curso de Produção Cultural, embora tenham pontuado, conforme já registrado anteriormente, que a abordagem multicultural não é aprofundada como deveria; é fraca e seu foco é prioritariamente no Rio de Janeiro, o que é compreensível pelo fato do curso ser ministrado nessa localidade. Não abordar o mercado fluminense seria, no mínimo, contraditório. Fica, porém, a lacuna sobre aprofundar, também, a diversidade cultural (presente tanto no corpo discente quanto no corpo docente do curso) como estruturante, levando em consideração a exígua presença do curso nos demais territórios brasileiros e a importância de produtores culturais capacitados em todos os mercados culturais do território nacional.

“Ser de lá” traz uma bagagem cultural única e que, como dito por todos os alunos questionados, interfere de maneira positiva na formação acadêmica e pessoal não só dos sujeitos como alunos de Produção Cultural, mas como sujeitos que fazem parte de um mundo diversificado, com realidades diferenciadas e inúmeras identidades culturais. Não significa uma estagnação, mas um ponto de partida a partir do qual esses sujeitos entenderão suas culturas, os espaços em que se situam e a si mesmos.

3 MINHA VIDA É ANDAR POR ESSE PAÍS: PERCORRENDO OS CONCEITOS DE ENTRE-LUGAR E DESLOCAMENTO

*“Chuva e sol
Poeira e carvão
Longe de casa
Sigo o roteiro
Mais uma estação”*

*A Vida do Viajante⁵
Luiz Gonzaga*

O conhecimento, genericamente falando, é construído a partir da identificação da existência de opostos e de iguais. Compreende-se a noção do “eu” porque se compreende, também, a do “outro”. Sabe-se o “aqui” porque se sabe o “lá”. O mundo é entendido, portanto, na diferença. De mesmo modo, um indivíduo constrói quem é tendo noção de quem ele não é. Como Silva (2000, p. 75) afirma, ao discorrer sobre identidade, “[...] na origem estaria a diferença – compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação”. É exatamente na diferenciação que os sujeitos estudados neste trabalho se percebem. São (somos) sujeitos que saíram do ambiente familiar em que se desenvolveram e, em meio a seu deslocamento, descobrem-se diferentes de onde estão, similares de onde deixaram e vice-versa, constantemente e sem parar, em um processo de construção, desconstrução e reconstrução de suas identidades.

Cada deslocamento – pensando-se em um deslocamento de mudança, de estabelecer-se em um lugar diferente, não de passeio – traz como consequência não somente a mudança de ambiente, mas uma mudança identitária e, também, de autoconhecimento, pois se sai do ambiente familiar entre “iguais” e se transforma em “outro”. É nesse momento, no contato com o estranho e com o exótico, que se identifica o que é/era familiar, que se vê como “alheio”, que se percebe com clareza a diferença e, com ela, as identidades com as quais o sujeito se identifica – incluindo a de “sujeito em deslocamento”, uma identidade de transição e mudança – e com as quais não se identifica.

Só pensando a identidade como plural, fluida, múltipla e em fluxo que se pode tentar compreender o efeito do deslocar-se de cá para lá, estabelecer-se em lugares novos, mas sem excluir os anteriores. É tão dinâmico quanto o caminho traçado ao longo da vida, quanto as viagens, os dias, as interações, os ambientes, e profundamente complexo. Em meio a tantas andanças, a visão que nós, sujeitos em deslocamento, temos do mundo se transforma. O mundo

⁵ ANEXO C.

parece muito maior e muito menor, tudo junto. Maior porque conhecemos mais dele e menor porque esses outros territórios em que andamos se tornam, também, nossos territórios e todos eles nos influenciam tanto quanto são influenciados por nossa presença.

O contato com outros lugares, com suas peculiaridades e manifestações próprias, e com as pessoas que nele habitam afeta o sujeito de várias maneiras. O exótico causa não só estranhamento, mas induz o sujeito a aumentar a visão que tem do mundo e das pessoas, por forçá-lo a conhecer mais do que aquilo ao qual ele já estava acostumado, e o faz perceber a si mesmo muito mais crua e explicitamente. Não somente ele percebe a si e suas identidades culturais, como abre um leque de possíveis identificações com diferentes culturas e territórios.

A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que - para tomar emprestada uma palavra da música - é *contrapontística*. (SAID, 2003, p. 59, grifo do autor).

Esse efeito se manifesta de maneira ainda mais potencializada com o sujeito em deslocamento que não somente chega em um novo lugar, mas também se estabelece ali permanentemente – seja essa permanência por meses ou anos ou o tempo que for, o importante é que o sentido de estar ali não é de visitar brevemente o lugar. A partir do momento em que aquele novo lugar também serve como um referencial de “casa” para o sujeito, as relações construídas ali mudam. Diferentemente de um contato passageiro de intervalo curto – como o de um turista que está visitando um lugar em suas férias – o contato realizado por aquele que “se muda” é contínuo e com um senso de permanência que uma visita não é capaz de reproduzir.

Nesse sujeito, a troca e o reconhecimento culturais acarretam uma poderosa e irreversível desconstrução identitária. Nós, que transitamos, deixamos de ser somente maranhenses, cariocas, amazonenses, curitibanos, para nos tornarmos *sujeitos em deslocamento* – termo que contempla uma condição de trânsito incessante. A partir dessa desconstrução, que Haesbaert (2005) incluiria no processo de “desterritorialização”, destrói-se e se reforça, simultaneamente, o sentimento de pertencimento à terra. Porque, do mesmo modo que somos sujeitos daquele lugar específico em que nascemos e/ou crescemos, agora nós também somos verdadeiramente sujeitos do mundo.

Como sujeitos do mundo, o olhar que temos acerca do território muda completamente. Agora, a comparação é incorporada integralmente ao olhar que se tem de ambos os territórios – o do ponto de partida e o da chegada. É mais fácil perceber detalhes que nunca se tinha percebido antes. Agora, ouve-se a canção entoada no próprio sotaque com uma clareza tangível apenas àqueles que não estão mais entre seus semelhantes – são aqueles que se

cercaram por outras canções, outras palavras, outras brincadeiras com a língua, outras formas de se apropriar dessa língua que só é nacional na formalidade. Agora, até mesmo gestos que sempre fizeram total sentido não cabem mais nos diálogos e, a não ser que se explique o que se quer comunicar e faça com que as outras pessoas se acostumem com aqueles modos *estranhos*, é preciso se adaptar às singularidades de cada espaço. Portanto, aquele referencial único se perde e se constrói um muito maior e abrangente.

A autora chilena Isabel Allende, em seu livro autobiográfico *Meu país inventado*, narra seu processo particular de deslocamento e diz, sobre as comparações realizadas entre culturas, que:

Viajei em navios, aviões, trens e automóveis, sempre escrevendo cartas nas quais comparava o que via com minha única e eterna referência: o Chile. Não me separava da minha lanterna, da qual me servia para ler nas mais adversas condições, nem de meu caderno de escrever notas sobre a vida. (ALLENDE, 2004, p. 140).

A maior facilidade com que essa comparação é feita se deve ao contato direto com os novos olhares provenientes dos diferentes territórios pelos quais o sujeito em deslocamento transita. Para mim, autora desse trabalho, a percepção de minha fala veio na forma de um comentário elogioso sobre o meu diferente “cantado” que um colega da turma de Produção Cultural, nativo de Belém e em situação turística similar à minha, teceu. Como Caetano Veloso canta na música *Sampa*⁶, “Narciso acha feio o que não é espelho” e encaramos com estranheza e fascínio todas aquelas novas sonoridades e influências desde o primeiro contato.

Toda uma conjuntura sócio-político-econômico-cultural com a qual eu e meus colegas de curso “forasteiros” estávamos acostumados foi deixada para trás, para que nos inseríssemos na realidade fluminense. O processo de adaptação é longo e acontece de maneira singular para cada sujeito que se desloca. Há quem não aguente as diferenças da vida prática e/ou a saudade. Há quem se encaixe com muita rapidez no novo território. Há, também, quem permanece em uma dúvida contínua sobre ter tomado ou não a decisão correta. Mudar-se é um grande voto de confiança dado em uma tentativa que só se realiza com muita coragem, ousadia e uma boa dose de desprendimento, principalmente se a mudança não é compartilhada com outrem – caso mais comum entre os universitários migrantes.

Segundo o Ministério da Educação, em 2013, totalizou-se o número de 15.671 calouros que se matricularam em cursos fora de seus lugares de origem (número correspondente a 13% das matrículas), processo que é facilitado pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu), e a quantidade só aumenta com o passar dos anos e a solidificação do sistema.

⁶ ANEXO D.

Esses sujeitos acabam passando por dois processos de adaptação ao mesmo tempo: passar do Ensino Médio para o Ensino Superior e sair de seu lugar de origem para um novo lugar. Novo, pois, mesmo que já tenham visitado o lugar em que suas universidades se encontram, as experiências de conhecer um lugar como turista e conhecer um lugar como morador (a) são surpreendentemente diferentes, assim como o vínculo que é criado entre o lugar e o sujeito. Ingressar no ambiente universitário provoca uma ampliação de horizontes, discussões e reflexões como nenhum outro ambiente o faz, pois é exatamente essa a proposta de uma universidade: conectar pessoas com o mesmo propósito e alastrar e construir conhecimento coletivamente.

Produção Cultural, todos os semestres, atrai pessoas dos mais variados recantos do Brasil, o que leva todos esses alunos ao mesmo processo de desconstrução identitária – por mais que esse processo seja extremamente subjetivo e gere os mais diversos resultados. A desconstrução (seguida pela reconstrução analisada no próximo capítulo), falando de modo geral e conceitual, acontecerá de um jeito ou de outro, porque o mero contato com o novo território e suas peculiaridades resulta nessa “quebra” de identidade. Allende (2004, p. 103), em seu relato, também diz:

Há um certo frescor e inocência na pessoa que sempre esteve no mesmo lugar e tem testemunhas de sua passagem pelo mundo. Em compensação, aqueles como nós, que partimos muitas vezes, foram obrigados, pela necessidade, a curtir o próprio couro. [...] Não tenho nenhum tipo de certeza. Também não consigo sentir o Chile como um lugar geográfico com certas características precisas, um lugar definido e real. Vejo-o como vemos os caminhos do campo ao entardecer, quando as sombras dos álamos enganam a vista, e a paisagem parece apenas um sonho.

Importante esclarecer que desconstrução identitária não significa necessariamente uma desconstrução total das identidades de um sujeito. Do mesmo modo que Haesbaert (2005) pensa na desconstrução da territorialidade, sempre atrelada à reconstrução, como um processo dentro do significado dado a determinado território, lugar ou espaço, a desconstrução identitária também se atrela à reconstrução – ou seja, não é apenas perda, mas também acréscimo; é mudança.

Um pernambucano que vai morar em São Paulo não deixa de ser pernambucano, mas agora ele é um pernambucano que não mora mais em Pernambuco e sim em São Paulo e isso o diferencia tanto dos pernambucanos que continuam em Pernambuco quanto dos paulistas, quanto dele mesmo quando morava em Pernambuco. Sua realidade social agora é outra, o que implica uma série de atitudes, relações e maneiras de lidar com o mundo, que ele não teria se permanecesse em Pernambuco.

Mudar-se de um lugar para o outro suscita uma mudança de si mesmo tanto no sentido prático (do cotidiano) quanto no identitário, quanto, também, em como ele se sente no mundo e se implica no mesmo. Como toda escolha, deslocar-se demanda sacrifícios e a tomada de inúmeras outras escolhas, cada uma delas com seus próprios sacrifícios. A modificação que toda esta movimentação provoca no entendimento de si dos sujeitos é meramente a reação dos mesmos aos diferentes estímulos gerados pelo ambiente e pelas relações interpessoais que o sujeito trava com quem fica, com quem vai e com quem se conhecerá.

Entre São Luís (MA) e Niterói (RJ), por exemplo, os mais de 3000 km que as separam guardam muita chuva, sol, poeira e carvão, inúmeros espaços, todos com suas características singulares que influenciam os tantos sujeitos que neles vivem ou com os quais entram em contato. Para o viajante, quem trava tal contato com tantas pessoas e tantos lugares, cada um com sua própria realidade e peculiaridade, o leque de identidades culturais com as quais pode ou não se identificar se expande a cada passo dado em sua jornada.

Não que não existam outras formas de se conhecer outras culturas, lugares e pessoas. Atualmente, época em que os meios de comunicação são cada vez mais aprimorados pelos avanços tecnológicos, as pessoas podem escolher, com relativa facilidade (ainda vivemos sob um sistema capitalista, em que reina a disparidade de oportunidades e bens entre as pessoas), por quais formas dialogar umas com as outras. A tecnologia redimensionou o que entendemos por fronteiras e limites espaciais. A “magia” que antes se concedia apenas à literatura e aos sonhos, a de levar alguém ao outro canto do mundo sem que fosse preciso sair de casa, agora faz parte do encanto e da funcionalidade básica da telefonia e da Internet, por exemplo, meios dos quais as agências de turismo abusam para seduzir mais clientes a diversos destinos.

Todavia, apesar de todos esses meios proporcionarem o contato, só se pode morar efetivamente em um território se estiver de corpo físico nele. Se não, por mais que haja uma ligação muito forte entre o sujeito e esse outro território, por mais que existam meios que os conectem, no fim do dia, é por outro lugar que o sujeito anda, estuda, faz suas compras e todas essas ações banais que configuram a vida em sociedade de maneira prática.

Como ilustração de tal diferença e limitação, em um recente mangá chamado *Sword Art Online*, escrito por Reki Kawahara, as personagens se veem imersas em um jogo de realidade virtual que, a partir de um capacete que se conecta ao sistema nervoso dos jogadores e escaneia seus corpos, os prende em um mundo cibernético. Nesse universo, eles sentem fome, dormem, lutam e podem até morrer. Mas, mesmo com todas essas sensações, seus corpos físicos permanecem em um estado comatoso e passam o tempo em que os jogadores ficam presos no

jogo em hospitais, tendo que receber todos os cuidados que um paciente em coma recebe – desde sondas ao maquinário de monitoramento. Eventualmente, eles saem do mundo virtual, o que é possível, ao contrário do mundo real. Por mais que se insiram em um mundo cibernético, eles não podem simplesmente descartar seus corpos físicos – nem a realidade em que estes corpos vivem.

O movimento migratório surgiu junto com as primeiras sociedades. De acordo com Carlos Fouquet, no livro *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil (1808-1824-1974)*, publicado no ano de 1974, “a história da humanidade é a história das migrações e de suas consequências”. Tais migrações, com o passar do tempo, foram se ramificando de acordo com os motivos que as causaram. Por exemplo, a migração pendular consiste em um deslocamento frequente de ida e volta, em geral, ligada a trabalho, como moradores do ABCD paulista que trabalham na capital.

Quando se fala sobre um deslocamento permanente, temos a imigração, que é de um país para o outro, por exemplo, que, por sua vez, tem vários subtipos. De todas elas, a que, em geral, é vista como a mais violenta é o exílio. Uma migração forçada que arranca o sujeito de seu território e que, segundo Edward Said, no compilado *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003, p. 46), “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar [...] é uma condição de perda terminal”.

Mas a diferença entre os exilados de outrora e os de nosso tempo é de escala: nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada da imigração em massa. Tendo por fundo esse cenário amplo e impessoal, o exílio não pode ser posto a serviço do humanismo [...]. Não é verdade que as visões do exílio na literatura e na religião obscurecem o que é realmente horrível? Que o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, que é produzido por seres humanos para outros seres humanos e que, tal como a morte, mas sem sua última misericórdia, arrancou milhões de pessoas do sustento da tradição, da família e da geografia? Ver um poeta no exílio – ao contrário de ler a poesia do exílio – é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par. (SAID, 2003, p. 47).

Said (2003), nascido em Jerusalém e morador de Nova York, foi um dos mais importantes intelectuais e ativistas da causa palestina – um dos povos que melhor representa como a ausência da terra natal impulsiona e amputa um sujeito. Os palestinos, os curdos, os israelenses, os judeus, as diversas tribos africanas e todos os povos que já passaram pelo exílio – pela diáspora – ao longo da História, mostram ao mundo como o território influencia na consciência de um povo sobre si próprio, mesmo e principalmente quando esse território se mostra inalcançável.

Portanto, tais povos, inevitavelmente, vivem em territórios que “não lhe pertencem” e aos quais “não pertencem”. Nesses territórios, os migrantes (aqui podemos expandir para outros tipos de migração) ou, para colocar de melhor maneira, os “deslocados” são exatamente o que a palavra, em seu termo informal, sugere: eles estão deslocados daquele lugar e daquelas pessoas, eles estão de fora, não fazem parte daquele ambiente nem daquele grupo, eles são os “outros”, estão alheios, são como o ditado diz: “peixes fora d’água”.

E logo adiante da fronteira entre “nós” e os “outros” está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas. (SAID, 2003, p. 50).

Na entrevista concedida a Kuan-Hsing Chen e publicada como última parte do livro *Da Diáspora – identidades e mediações culturais*, Hall (1997) discorre sobre sua experiência diaspórica – realizada no séc. XX, da Jamaica para a Inglaterra, quando se exilou por questões políticas – os motivos que o fizeram sair de sua terra natal, os motivos que o fizeram não retornar a ela e sua visão sobre si mesmo nos dois territórios antes e depois de seu deslocamento. Ele fala como

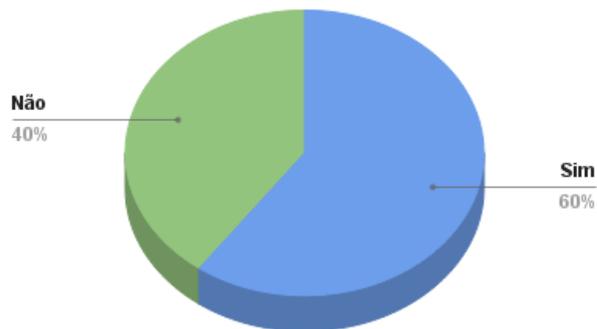
[...] ficou mais fácil estabelecer uma nova relação com a nova Jamaica que emergiu nos anos 70. Esta não era a Jamaica onde eu tinha crescido. Por exemplo, tinha se tornado culturalmente uma sociedade negra, uma sociedade pós-escravocrata e pós-colonial, enquanto que eu havia vivido lá no final da era colonial. Portanto, pude negociá-la como um ‘estrangeiro familiar’ [...]. Paradoxalmente, eu tinha a mesma relação com a Inglaterra. Tendo sido preparado pela educação colonial, eu conhecia a Inglaterra de dentro. Mas não sou nem nunca serei um inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada. (HALL, 1997, p. 392-393).

Hall (1997) está, portanto, no que o teórico e crítico literário Homi K. Bhabha (1998) descreve como o *entre-lugar*. O sujeito que se encontra no *entre-lugar* é o sujeito que já passou por um processo de hibridização cultural a partir do qual ele passa a pertencer a mais de uma cultura e lugar, ou seja, a nenhuma cultura e lugar por completo. Hall, que passou tantos anos na Inglaterra, não consegue mais estabelecer a mesma relação que tinha com a Jamaica antes de ter saído dela, ao mesmo tempo em que não é nem jamais será inglês – para ambos os territórios, ele agora é um “estrangeiro familiar”, como ele mesmo descreve. Isso vale para todos os sujeitos em deslocamento – em escalas diversas, tendo em vista sempre que todos esses processos e interações são dados de modo muito singular para cada sujeito. Assim que saímos do nosso lugar de origem para estabelecer moradia em outro lugar (mesmo que por apenas quatro anos), tornamo-nos “estrangeiros familiares”.

O conceito de *entre-lugar* foi criado para descrever uma das consequências do hibridismo no Período Colonial, explicar a situação dos colonizados que, de alguma forma, adquiriam traços culturais dos colonizadores e perdiam traços culturais de seu povo. É uma das características mais fortes da perspectiva moderna de identidade que alguns autores, como Stuart Hall (2005), Manuel Castells (1942) e Gilles Deleuze (1992), põem em voga, que é essa visão da identidade como fragmentada, múltipla e dinâmica. Diferentemente do Período Colonial, hoje em dia há a possibilidade de um processo de hibridismo, quando se fala no diálogo entre as diferentes culturas, que não necessariamente significa uma sobreposição de uma cultura sobre a outra, mas um processo mais orgânico e complexo de mistura.

É possível, como provado pelos sujeitos em deslocamento, identificar-se com mais de uma cultura e mais de um território. Na pesquisa aplicada com os alunos de Produção Cultural, 100% dos entrevistados responderam que se identificam com mais de uma cultura referente a mais de um lugar – sendo que 60% se identificam, também, com as culturas dos seus lugares de origem. É possível, ainda, se identificarem com outras identidades culturais mesmo sem ir aos territórios nos quais elas se originaram. Um dos efeitos da globalização é o hibridismo generalizado, exatamente por abrir a possibilidade de contato entre pessoas e culturas de quase todos os cantos do mundo. O que é impossível é ser um sujeito em deslocamento sem se deslocar.

Gráfico 2: Alunos que se identificam com as culturas de seu lugar de origem



Fonte: Elaborado por alunos cursavam a disciplina Trabalho Final II em 2016.2

Parece óbvio, mas é importante destacar a diferença entre simplesmente se identificar com identidades culturais de diversas origens e ser um sujeito em deslocamento. Na

poesia *A ilusão do migrante*⁷, de Carlos Drummond de Andrade, ele diz que “quando vim da minha terra, não vim, perdi-me no espaço, na ilusão de ter saído” e que “os morros, empalidecidos no entrecerrar-se da tarde, pareciam me dizer que não se pode voltar, porque tudo é consequência de um certo nascer ali”. O migrante – seja refugiado, retirante, pendular etc. – perde sua terra e se perde um pouco no caminho, porque se desconstrói, e entra em um estado constante de estranhamento com o mundo ao seu redor.

Logo na introdução do livro *O Local da Cultura*, Bhabha (1998) parte de uma análise literária de obras de Goethe, James, W. H. Auden, Carole Pateman, Morrison e Gordimer, para pensar como o deslocamento influencia o sujeito que se desloca em um nível psíquico e emocional, para depois expandir essa questão para o campo cultural. Segundo ele, a situação cultural é “muito mais complexa”, já que nela “‘necessidades espirituais antes não reconhecidas’ emergem da imposição de ideias ‘estrangeiras’, representações culturais e estruturas de poder”. (BHABHA, 1998, p. 33). Diz mais:

O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’. Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial. O centro de tal estudo não seria nem a ‘soberania’ de culturas nacionais nem o universalismo da cultura humana, mas um foco sobre aqueles ‘deslocamentos sociais e culturais anômalos’ que Morrison e Gordimer representam em suas ficções ‘estranhas’. (BHABHA, 1998, p. 33).

Com isso, ele põe em voga a questão da conexão entre cultura, sujeito e deslocamento. Quando se pensa nesse triângulo, pensa-se na cultura tradicional estruturante e estruturada da/pela sociedade. A cultura que é o

[...] processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores [...] na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade. (HALL, 1997, p. 19).

A cultura, portanto, como sinônimo de um conjunto de expressões, manifestações artísticas, maneiras de se comunicar e ensinamentos repassados de geração para geração que caracteriza um povo e/ou um território; a cultura que pertence, que faz pertencer e que faz *não* pertencer. Sobre isso, o próprio Hall muito claramente expõe a importância da Cultura como instrumento de regulação normativa e social, pois é a partir dela que se produzem paradigmas, comparações e formas de conduta. A cultura é um instrumento tanto de estabelecimento quanto de renovação. É com ela e a partir dela que muitos dos preceitos pessoais e sociais serão

⁷ ANEXO J.

dirigidos e manifestados em sociedade. Hall (1997), pensando no poder regulador dos diversos instrumentos sociais e nas diversas facetas da Cultura, fala que

Naturalmente, na regulação normativa, com freqüência, e sempre no fim, há ruptura — de outra forma, não haveria qualquer mudança, e o mundo repetiria a si mesmo simples e infinitamente. Por outro lado, os mundos sociais entrariam inevitavelmente em colapso se as práticas sociais fossem inteiramente aleatórias e ‘sem significado’, se não fossem regulamentadas por conceitos, valores e normas comuns a todos — regras e convenções acerca de ‘como fazer as coisas’, de ‘como as coisas são feitas nesta cultura’. É por esse motivo que as fronteiras da regulação cultural e normativa são um instrumento tão poderoso para definir ‘quem pertence’ (isto é, quem faz as coisas da mesma forma que nós, conforme nossas normas e conceitos) e quem é um ‘outro’, diferente, fora dos limites discursivos e normativos de nosso modo particular de fazer as coisas [...]. (HALL, 1997, p. 20).

Cultura, portanto, que é feita para incluir e excluir, ao mesmo tempo, que faz com que pessoas como os sujeitos retratados no documentário *A chave da casa* (2009), de Paschoal Samora e Stela Grisotti, palestinos de origem iraquiana que, fugindo da guerra, refugiam-se na fronteira entre a Jordânia e o Iraque, para depois migrar para o Brasil, assumam uma condição de exilados e, mais do que isso, que percam seu referencial espacial, ou seja, “[...] fora dos limites discursivos e normativos de nosso modo particular de fazer as coisas”. (HALL, 1997, p. 20).

Para eles, assim como foi para tantos brasileiros exilados na época da ditadura militar, “uma hora em Bagdá vale todos os tesouros do mundo”, pois é sua pátria, é onde eles sentem ser o lugar ao qual pertencem. Não há distinção alguma entre os países se comparados entre si, mas há total distinção se são comparados à sua pátria. Mais uma vez, aparecem o refugiado e sua ligação com essa terra distante, com a qual ele sonha, mas para onde não pode ir. “O *páthos* do exílio está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra: voltar para o lar está fora de questão”. (SAID, 2003, p. 52).

Said (2003) vai além, fazendo uma distinção fundamental para este trabalho, entre os diferentes viajantes. Podemos fazer um paralelo entre o sujeito em deslocamento aqui analisado e o expatriado, de acordo com a definição que ele dá — é claro, a grande diferença é a dimensão do deslocamento. Enquanto o expatriado migra de país para país, os alunos de Produção Cultural, participantes desta pesquisa, migraram de um estado para outro do Brasil. O que ele diz com muita clareza sobre os viajantes que analisa é que

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento [...]. A palavra ‘refugiado’ tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnordeada que precisa de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo ‘exilado’, creio eu, traz consigo um toque de solidão e espiritualidade. Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais. Hemingway e Fitzgerald não foram obrigados a viver na França. Eles podem sentir a mesma solidão e alienação do

exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições. Os emigrados gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar. Funcionários coloniais, missionários, assessores técnicos, mercenários e conselheiros militares podem, em certo sentido, viver em exílio, mas não foram banidos. (SAID, 2003, p. 54).

São situações muito diferentes, mas que têm um mesmo ponto em comum: a viagem. O risco, a excitação e a sensação agridoce de deixar o lar primordial para construir outro lar a dezenas, centenas, milhares de quilômetros de distância um do outro. Um dos mais comuns impulsionadores de uma estória/história é a viagem, exatamente porque quebra a rotina e ocasiona contatos, cujos efeitos são as quebras dos paradigmas pré-estabelecidos no sujeito com relação ao mundo ao seu redor e à sua vida.

Por outro lado, também existe a nostalgia. Como colocado no primeiro capítulo, a partir do momento que se sai de um lugar, ele se transforma em passado. As referências, as histórias, o convívio com *o lugar* e com as pessoas *daquele lugar* viram memórias – sejam boas ou ruins – e pensar nelas é relembrar. Mesmo que se visite com constância, está longe de ser o mesmo do que ter *aquele lugar* como referencial da casa do presente. Allende (2004), em sua autobiografia citada anteriormente, fala sobre a nostalgia e seu território de origem sob um ponto de vista positivo, mas com a velha confusão de quem pertence, mas não pertence, pois ela fala de todo um conhecimento que não necessariamente se tornou obsoleto, mas também não necessariamente está atualizado. Ela se baseia no que aprendeu em seu passado para compreender o lugar elegido com o de sua origem (tendo em vista que ela nasceu no Peru, mas se mudou com a família para o Chile ainda no começo da infância) e o povo com o qual cresceu e se identifica até hoje.

Muitas vezes me pergunto em que consiste exatamente a nostalgia. No meu caso não é tanto o desejo de viver no Chile, mas o de recuperar a segurança com que ali me movimento. Aquele é o meu chão. Cada povo tem seus costumes, manias, complexos. Conheço, como a palma da mão, as idiossincrasias do meu, nada me surpreende, posso antecipar as reações dos demais, entendo o que significam seus gestos, os silêncios, as frases de cortesia, as reações ambíguas. Só ali me sinto socialmente acomodada, embora raramente aja como se espera de mim, pois sei comportar-me e poucas vezes esqueço os bons modos. (ALLENDE, 2004, p. 165).

Já Dorfman (1998), em sua autobiografia *Uma vida em trânsito – memórias de um homem entre duas culturas*, explicita, ao longo da narrativa, a posição incerta e manipulável do viajante, ao dividir seus capítulos entre as duas maiores viagens de sua vida: na infância e na vida adulta. Em ambos, ele demonstra a importância da língua, do nome, de saber de onde você é para poder saber para onde você vai, de fazer parte de um povo e de uma história e de poder escolher esse povo, esse território e essa cultura e se deixar ser escolhido pelos mesmos – pois

não se pode impor a uma pessoa, como a ele foi imposto mais de uma vez, que ela se sinta pertencente quando ela não se sente. Ao mesmo tempo, é muito mais complicado que essa conexão aconteça quando, como ele mesmo viveu, passa-se tanto tempo indo e vindo de país para país.

Enfim, o que é relevante em toda essa discussão colocada por Allende (2004), Bhabha (1998), Dorfman (1998), Hall (1997) e Said (2003) é o fato de que se pode, sim, estarem mais de um lugar e em nenhum lugar ao mesmo tempo. É possível se sentir parcialmente de um povo no entre-lugar. O sujeito em deslocamento, simplesmente por se deslocar, desconstrói todo um conjunto de preceitos, de visões, de noções do que é um ponto de partida porque, assim como Dorfman (1998) es teve por quase toda a sua vida, encontra-se em trânsito. O trânsito é o que consideramos o “meio” da jornada. É o momento em que todas as possibilidades são abertas.

A partir desse “meio”, de uma desconstrução identitária – quando o sujeito vira o viajante sobre o qual Luiz Gonzaga canta na famosa música *A Vida do Viajante*, “minha vida é andar por esse país”, ou seja, ele sai da inércia e entra no deslocamento puramente dito – que o transformará em *sujeito em deslocamento*, em trânsito, em fluxo, em transição, é que inevitável e, conseqüentemente, haverá uma reconstrução identitária nesse sujeito. Evidencia-se, então, o resultado do *mix* cultural que o deslocamento proporciona, ou seja, um sujeito híbrido.

4 MAS ANDO E PENSO SEMPRE COM MAIS DE UM: FLUXO, CULTURA E HIBRIDISMO

*“Vou mostrando como sou
 E vou sendo como posso
 Jogando meu corpo no mundo
 Andando por todos os cantos
 E pela lei natural dos encontros
 Eu deixo e recebo um tanto
 E passo aos olhos nus
 Ou vestidos de lunetas
 Passado, presente
 Participo sendo o mistério do planeta”*

*Mistério do Planeta⁸
 Novos Baianos*

Toda viagem tem três etapas: a partida, o trajeto e a chegada. A viagem proposta neste trabalho chega, aqui, à sua etapa final. Do mesmo modo que questionamos o ponto de partida e sua atuação na construção identitária de um sujeito no primeiro capítulo e o deslocamento puro e sua ligação com a desconstrução identitária desse mesmo sujeito no segundo capítulo, neste último nos debruçamos sobre esse lugar de chegada e sua relação com a reconstrução identitária desse sujeito após passar, indispensavelmente, pelas primeira e segunda etapas.

Ao longo dos séculos, esse tema foi abordado na literatura, no teatro, no cinema, na música, nas religiões, nas mitologias, nas lendas, nos gibis, nas novelas, enfim, por inúmeras formas de se comunicar e narrar, cada um com uma estória diferente, mas que sempre colocava a jornada como causadora de transformação, de amadurecimento, de crescimento e de renovação. Segundo o autor estadunidense Joseph Campbell, cujo trabalho sobre a narrativa ficcional até hoje serve de base para análise literária, principalmente para as obras de fantasia, em seu livro *O Herói de Mil Faces* (2009) afirma que todo herói, ao receber o “chamado para a aventura”, passa pelo mesmo processo.

Mas, pequeno ou grande, e pouco importando o estágio ou grau da vida, o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração – um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento. O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar. (CAMPBELL, 2009, p. 31).

Campbell (2009) analisava os heróis clássicos – Ulisses, Hércules, Édipo, Teseu etc. – mas é cabível reconhecer as mesmas características em outras obras e heróis: no eu lírico

⁸ ANEXO E.

de *Asa Branca*⁹, esperançoso e desesperado para fugir da seca causticante do sertão nordestino; assim como em Dante, em sua jornada pelos portões do Inferno, do Purgatório e do Paraíso, em seu similar no cinema, interpretado por Robin Williams, no filme estadunidense *What dreams may come (Amor além da vida)* dirigido por Vincent Ward e estreado em 1998; no robô Wall-E e sua amada EVA no filme de 2008 da Pixar Animation Studios; nos irmãos Elric no mangá *Fullmetal Alchemist* da mangaka Hiromi Arakawa; em Arthur Dent e seu amigo Ford Prefect no livro *O guia do mochileiro das galáxias*, do escritor britânico Douglas Adams; em Frodo e sua Sociedade do Anel de J. R. R. Tolkien; em Buda e sua jornada espiritual; no Cavalo e no Menino de C. S. Lewis; e em Caetano Veloso e nos Novos Baianos que vão caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento, no sol de quase dezembro¹⁰, que vão, que vão e assumem sua posição de mistério do planeta que anda e pensa sempre com mais de um (referencial, eu, encontro).

Aí estão apenas alguns exemplos, de momentos da História, autores e tipos de jornadas, que demonstram como essa temática é recorrente na humanidade. Said (2003, p. 46) afirma que “a moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados”. Pelo que vejo e vivo, não apenas é obra dessas pessoas, mas também é obra para, por e sobre essas pessoas e seu estado de deslocados. Seja peregrinação, viagem, ascensão, exílio, procissão, ou o nome que for, o deslocamento fascina o ser humano por ser o causador de transformações. Em geral, a associação que se faz é que a jornada proporciona um “amadurecimento” rápido devido à quantidade de decisões, pessoas e acontecimentos que o sujeito deve enfrentar (muitas vezes, sozinho) nesse novo território.

De acordo com o Censo da Educação Superior de 2013, organizado pela Diretoria de Estatísticas Educacionais (Deed), ramificação do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), no dito ano, a média de idade dos alunos ingressos em cursos presenciais foi de 24,6 anos, de total de matrículas 25,8 anos, sendo a mediana¹¹ 22 anos e a moda 18 anos de idade. Já os concluintes, tinham como média, mediana e moda os seguintes números: 28,1 anos, 25 anos e 23 anos. Logo, podemos concluir que a maioria dos universitários brasileiros em 2013 (quando começa a minha jornada e dos demais concludentes que compartilharam suas experiências neste trabalho) estava na faixa etária de 20 a 30 anos.

⁹ ANEXO F.

¹⁰ ANEXO G.

¹¹ Média, mediana e moda são termos utilizados na Matemática para indicar, respectivamente: o somatório de valores de elementos de determinado conjunto dividido pela quantidade de elementos somados; o valor central de uma sequência de valores ordenados em ordem crescente ou decrescente (havendo dois valores centrais, a mediana será a média destes valores); e o valor que mais aparece em um conjunto de valores.

Portanto, são pessoas que estão exatamente na transição da adolescência para a vida adulta. Elas ingressam no ambiente universitário logo após passar pela segunda fase de construção identitária de um sujeito e conciliam os anos de graduação com sua transição para o que vulgarmente chamamos de “mundo adulto”.

São anos repletos de novas descobertas, momento de se incumbir de novas (e cada vez mais) responsabilidades, de declarar novas posturas, tomar para si novas perspectivas e assumir discursos e posicionamentos. Para o sujeito em deslocamento, essa passagem se dá de maneira muito particular. Existem dois mundos diferentes em sua mente e, de certo modo, a comparação entre ambos e entre as versões de si nesses dois territórios é inevitável.

Quem seria eu se não tivesse saído de São Luís? Como teria levado minha graduação? Quais círculos frequentaria? Com quais vozes eu me identificaria? Como eu enxergaria o mundo ao meu redor e todo o resto do mundo que eu não veria? São todas perguntas sem resposta. São todas possibilidades que ficaram para trás, assim que minha decisão (e a de meus tantos colegas viajantes) foi tomada e executada.

Crescemos com o território e toda a realidade impressa nele. Ao mesmo tempo, a consciência de ser um sujeito em deslocamento, não totalmente pertencente a nenhum dos territórios que toma como referencial espacial, está ali, mesmo que não se faça perceber o tempo todo. Agora, vivemos Niterói, acompanhamos de perto tudo o que acontece nessa cidade, agimos nela, mas não somos, nem seremos “nativos” / niteroienses. Por outro lado, não mais vivemos nossas cidades natais, acompanhamos de longe o que acontece por lá, através de notícias divulgadas por meios de comunicação ou pelo telefone sem fio que vai dos nossos contatos de lá até nossos ouvidos aqui, não mais agimos nela, mas somos e sempre seremos “nativos” daquele lugar. Não importa aonde eu vá, sempre serei ludovicense-maranhense-nordestina-brasileira-americana.

Nossa condição atual, viajantes de quatro anos, é a do fluxo. Não só no fluxo “espacial”, em uma condição de movimento incessante, como no fluxo identitário no qual estamos todos – viajados ou não. A diferença do sujeito em deslocamento é que ele se depara mais claramente com esse fluxo. É mais fácil perceber a reconstrução identitária quando há a necessidade de se apresentar frequentemente para outrem, entender e se fazer entendido. É quando se sai de casa, mesmo que temporariamente, e da presença de seus “iguais” que se fala e se vê o que significa ser daquele lugar. E é quando se volta para casa, mesmo que momentaneamente, que se percebe com mais clareza que, na verdade, não se é mais um “igual”.

O fluxo do qual se fala remete à fluidez, à liquidez de Bauman (2007), à movimentação puramente dita. O movimento feito pelo sujeito com relação às suas identidades

é como o de um doceiro fazendo goma de mascar manualmente. Ele puxa e estica a massa, para depois grudar de volta o que está em sua mão com o que restou da massa no gancho e repetir o procedimento até sentir que a consistência chegou ao ponto. O movimento de reconstrução identitária só difere no que condiz ao ponto ideal, porque o sujeito jamais o alcançará. Não existe o ponto ideal. Portanto, mesmo que essa seja a sua meta, ele nunca parará de puxar, esticar e grudar a massa. De mesmo modo, ele nunca chegará ao conjunto perfeito de identidades. Ele nunca será uma versão definitiva de si e é nisso que consiste o fluxo – no movimento de vai e vem da goma. Segundo Rogério (2008, p. 2), em seu trabalho *Cultura e identidade nos espaços de fluxos da contemporaneidade*:

[...] alteradas as relações de tempo/espaço onde, conseqüentemente, os indivíduos vivem uma situação em que a referência é o fluxo, o próprio conceito de cultura e também o de alteridade passam a exigir da análise sócio-antropológica uma nova perspectiva analítico-teórica.

Ele defende que é necessário pensar na mobilidade atual como originadora de redes, “des-re-territorializações” e multiterritorialidades e busca validação em autores como James Clifford (apud ROGÉRIO, 2008), que pensava que o conceito de viagem trazia um questionamento-chave ao conceito de cultura por todos os cruzamentos e interações possíveis. “No deslocamento podemos conceber ao invés de uma perda cultural, uma mescla de experiências culturais”. (ROGÉRIO, 2008, p. 6). Fala ainda que:

[...] as relações sócio espaciais não se constituem mais predominantemente em relação ao "entorno imediato ou as condições ambientais diretas", passando a ter muita importância outros níveis espaciais, outros pontos de referência muitas vezes alheios às circunstâncias locais. Assim, o alongamento significa que as inter-relações são submetidas a um alcance mais extenso em suas conseqüências e o seu grau de influências recíproca com o tempo e o espaço. As populações em movimento exigem outra concepção de território, cultura e identidade que não aquele preso somente às condições locais de produção dos significados e representações. (ROGÉRIO, 2008, p. 7).

Por isso, a música *Mistério do Planeta*, dos Novos Baianos, dialoga com tanta camaradagem com o tema deste capítulo. O eu lírico, assim como o sujeito em deslocamento, joga seu corpo no mundo, recebe e deixa contribuições nos encontros travados por sua vida e participa do mundo sendo “o mistério do planeta”, pois sempre anda e pensa com mais de um. É um sujeito que se desloca e tem ciência das conseqüências de tal ação, que se faz no entre-lugar e que se entende como alguém que já compartilhou de experiências e identidades com os outros sujeitos com quem interage, ou seja, é um sujeito híbrido.

Hall (2011, p. 27) afirma que “[...] na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. Segundo ele, foi apenas quando chegou à Inglaterra que se tornou “caribenho”. Ou seja, apenas quando ele se deparou com “outros” e quando ele próprio virou o “outro” é que ele

começou a entender o que era ser esse outro e, a partir de então, entender-se como um “estrangeiro familiar”, principalmente porque ele perdeu o que entendia como “sua casa” e incorporou um novo lugar, quase completamente diferente do seu lugar de origem e com manifestações culturais muito próprias (como todo lugar), para que “sua casa” fosse em qualquer lugar e em nenhum lugar ao mesmo tempo. À vista disso, o sujeito em deslocamento – como Hall e tantos outros viajantes – depara-se com a grande verdade: a de que “estar em casa” é muito mais uma ligação afetiva fabricada, resultado de vontade e sintonia, do que um espaço físico.

Esta é a sensação familiar e moderna de deslocamento, a qual - parece cada vez mais - não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos [...] literalmente, ‘não estamos em casa’. Como Iain Chambers eloqüentemente o expressa: ‘Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e autenticidade’, pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da ‘floresta de signos’ (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (‘reliquias secularizadas, como Benjamin, o colecionador, as descreve), ao mesmo tempo em que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos’. (HALL, 2011, pp. 27-28).

Agora, depois de pelo menos quatro anos em Niterói, os alunos “viajantes” já vivenciam o que é ser um sujeito híbrido, que se sente um “estrangeiro familiar”, pois conseguem se ver mais facilmente como sujeitos que pertencem a lugar nenhum e a todos, ao mesmo tempo. Todos discorreram sobre não serem mais os mesmos que eram ao entrar no curso. Os 80% que consideraram terem preservado algumas de suas identidades culturais também avaliam estarem em mudança constante e que, ao longo dos últimos anos, algumas de suas identidades foram desconstruídas e algumas foram acrescentadas. Além disso, veem esse processo como orgânico e como um resultado esperado tanto do encontro quanto de estudar Produção Cultural.

O resultado do mix cultural, ou sincretismo, atravessando velhas fronteiras, pode não ser a obliteração do velho pelo novo, mas a criação de algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambos, mas não redutíveis a nenhuma delas - como ocorre crescentemente nas sociedades multiculturais, culturalmente diversificadas, criadas pelas grandes migrações decorrentes de guerras, miséria e das dificuldades econômicas do final do séc. XX. (HALL, 1997, p. 3).

Ao cruzar os pensamentos de Said (2003), Bhabha (1998) e Hall (2011) sobre deslocamento e identidades híbridas, a partir da modernidade e as respostas dos sujeitos em deslocamento em Produção Cultural, pode-se afirmar que somos todos híbridos, graças a todas as influências de outros territórios que se misturam através do consumo e dos meios de

comunicação. No sujeito em deslocamento, esse hibridismo só fica mais notável devido à inserção em outro lugar. Para Bhabha (1998), esse processo de hibridação é de resistência e de tensão entre culturas e o sujeito que sai dele é um sujeito indefinível, incerto e ambivalente. É um sujeito resultado de misturas e, por isso, não é possível encaixá-lo em um padrão específico e “puro”.

A autora chicana Gloria Anzaldúa, em seu livro mais influente *Borderlands/La Frontera* (1999), narra sua experiência como moradora de fronteira (entre México e Estados Unidos). Em um pequeno poema chamado *Uma lucha de fronteras/A Struggle of Borders*, no capítulo *La conciencia de la mestiza/Towards a New Consciousness*, ela coloca em voga sua posição de híbrida:

Because I, a *mestiza*,
continually walk out of one culture
and into another,
because I am in all cultures at the same time,
alma entre dos mundos, três, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteadada por todas las voces que me hablan
Simultaneamente. (ANZALDÚA, 1999, p. 99)¹²

Anzaldúa (1999) conta como, durante toda a sua vida como mulher, homossexual, chicana, nascida no Texas (na cidade que faz fronteira entre os dois países) e filha de mexicanos, ela se sentiu sujeito de fronteira em todos esses sentidos, circulando por todos esses lugares e se sentindo de tudo um pouco, mas sem realmente ser de nenhum desses lugares. Afinal de contas, ela nasceu estadunidense, então não era vista como mexicana pelos mexicanos. Ao mesmo tempo, ela era chicana, então não era vista como estadunidense pelos texanos. O exemplo que Anzaldúa (1999) cria, a partir de sua vida, é um retrato, em linhas gerais, do que acontece com todos os sujeitos em deslocamento depois que já desembarcaram e se estabeleceram no “ponto de chegada”. Como Gloria Anzaldúa, viramos almas entre dois, três, quatro mundos, norteados por todos simultaneamente.

O que é irremediavelmente distanciador na presença do híbrido - na reavaliação do símbolo da autoridade nacional como signo de diferença colonial - é que a diferença de culturas já não pode ser identificada ou avaliada como objeto de contemplação epistemológica ou moral: as diferenças culturais não estão simplesmente lá para serem vistas ou apropriadas. (BHABHA, 1998, p. 165-166).

Já a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em sua palestra em uma das conferências do TED, em 2009, atenta para “o perigo de uma única história”. Ela chama a

¹² Tradução livre da autora: “Porque eu, uma mestiça, continuamente ando de uma cultura para outra, porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre dois mundos, três, quatro, me zomba a cabeça com o contraditório. Estou norteadada por todas as vozes que me falam simultaneamente”.

atenção para os estereótipos criados quando se toma uma única história sobre um povo e a põe como comum para absolutamente todo aquele povo. Essa mesma temática aparece logo no primeiro capítulo de seu livro *Americanah* (2014), em uma conversa entre Ifemelu (personagem principal e nigeriana) e a cabelereira Aisha (senegalesa), na qual a primeira tenta desconstruir a “única história” que a cabelereira reproduzia sobre os africanos nos Estados Unidos e em seus países de origem.

Por outro lado, Aisha não consegue entender por que Ifemelu voltaria à Nigéria depois de treze anos nos Estados Unidos, com uma vida estável e com conforto. Durante todo o capítulo, descrevem-se os motivos e o que leva Ifemelu a decidir voltar para seu país de origem: a saudade, o cansaço que ela sentia com relação aos Estados Unidos e a vontade de se mudar mais uma vez e dar uma nova guinada em sua vida (mesmo que essa guinada significasse um retorno).

Quando sai de casa, o sujeito em deslocamento constantemente se depara com essa pergunta: “eu vou voltar?”. Pessoalmente, essa pergunta me atormentou pelos últimos quatro anos. O que “voltar” significa? Seria um retrocesso ou o esperado, já que o objetivo principal de minha mudança estaria finalizado? Quando perguntados sobre retornar ao lugar de origem após terminar, 60% dos entrevistados na presente pesquisa responderam que pretendiam voltar, mesmo que não imediatamente e os outros 40% disseram não saber ainda o que farão ou pra onde irão depois de se graduarem.

O que ficou notório em todas as respostas foi a que, para nós, há um mundo inteiro de possibilidades. Seja voltar e aplicar seus aprendizados na cidade natal, como alguns afirmaram ser até mesmo um dos motivos para escolherem a graduação como produtores culturais; seja pensar em voltar se surgir uma oportunidade no futuro; seja acreditar que a formação como produtores pode ser útil na construção de suas cidades; seja deixar o futuro completamente aberto.

O sujeito em deslocamento percebe com maior facilidade o que é a relação entre território, cultura, identidade e fluxo porque nota as performances dos outros e a sua própria ao se deslocar. Ele nota com mais facilidade por um motivo muito simples: as performances são diferentes. De acordo com Deleuze (1992), o sujeito contemporâneo é aquele que performa, cuja subjetividade é alterdirigida. Logo, pensa-se em representação e não na autenticidade e no caráter da sociedade disciplinar dos séculos XVIII ao XX. O sujeito contemporâneo é um sujeito do “devir”. Esse “devir”, para Deleuze, significa que os termos de uma relação são definidos a partir da própria relação dinâmica, complexa e reciprocamente – como as relações estabelecidas dentro do e pelo sujeito em deslocamento, pois “[...] o indivíduo viajante vive

frequentemente essa situação de liminaridade, onde ele não se encontra ‘nem cá, nem lá’, mas numa espécie de terceira margem”. (ROGÉRIO, 2008, p. 8).

Em meio às migrações dos mais diferentes tipos (‘diaspóricas’, turísticas, fugas etc.) os estrangeiros entram em contato com outras culturas, valores e regras de convivência e o papel (imigrante ilegal, refugiado de guerra, turista, viajante solitário) que ele está a representar nessa situação será fator determinante na sua relação com a sociedade na qual está se inserindo. (ROGÉRIO, 2008, p. 9-10).

Talvez a característica mais importante de Produção Cultural, nesses contatos múltiplos entre diferentes origens seja o fomento ao fascínio pelo “estranho e exótico” e pela diversidade cultural. Não cabe discriminação ou preconceito dentro da Casa Rosa e das aulas de “Procult” – respectivamente, o lar dos cursos do Departamento de Arte da UFF e o apelido dado pelos alunos e professores ao curso de Produção Cultural. É um curso que valoriza a quebra de paradigmas, que acolhe tanta gente com tanta história diferente, com tantos ensinamentos e maneirismos para propagar, que faz com que uma maranhense que se desloca para o Rio de Janeiro toda na defensiva, à espera do velho e irracional preconceito entre Sudeste e Nordeste, sinta-se relaxada para cantar seu sotaque e contar sua terra mesmo e principalmente por ser a única vinda de lá – e para se misturar com todas essas novas influências, culturas, pessoas e histórias.

Entretanto, quando questionados, os alunos “viajantes” que responderam se sentirem contemplados pelo curso quanto à abordagem multicultural e pensando nas culturas de seus territórios de origem, apenas um realmente afirmou acreditar que o curso é bem amplo e que dá base para se pensar nas culturas de diversos lugares. O outro aluno que respondeu se sentir contemplado comentou que as matérias optativas suprem o que não tem na estrutura curricular obrigatória nos critérios da pergunta – ou seja, nas disciplinas obrigatórias, às quais todos os alunos impreterivelmente devem cursar/estudar para se formar, ele não se sentiu contemplado, foi preciso procurar matérias que não necessariamente serão feitas por todos os alunos. Essa última opinião apareceu, também, nas respostas negativas. Os alunos não apenas não se sentiram contemplados nas matérias obrigatórias, como explicaram que isso se deve ao fato de que as experiências nas quais as aulas eram desenvolvidas priorizavam o estado do Rio de Janeiro e o Ministério da Cultura e que pouco se trabalhava os territórios dos alunos do curso.

Além disso, nas respostas, disseram que sempre pareceu a eles que a prioridade era o estudo do mercado e das expressões culturais cariocas – por mais que fosse aberto espaço para exemplos pontuais e que existisse, como dito acima, o fomento a formar produtores que “pensassem fora da caixa” e se atentassem à diversidade cultural e às culturas periféricas (ainda assim, com maior foco nas culturas periféricas fluminenses). É claro, essa é a realidade dos

últimos quatro anos, sendo que 60% dos que a “pintaram” começou antes mesmo do período 2013.1 (relativo ao primeiro semestre do ano de 2013). Também chegou a 60% o número de alunos que avaliou mal o curso, com relação à formação multicultural em geral, enquanto o restante afirmou ser positiva e que conseguiam relacionar os pontos do que se discutia sobre as cidades fluminenses com o que acontecia em sua cidade natal.

De todas as respostas, apenas uma pessoa afirmou ter percebido, em algum momento do curso, que sua presença e conhecimento acerca das culturas de seu lugar de origem foram aproveitados ou influenciaram o desenvolvimento do curso. Segundo ela, isso se deu em observações e comentários nas aulas e em seus trabalhos escritos (sua avaliação é a de que o seu conhecimento sobre esse outro lugar ajudou a complementar os textos). De resto, a opinião foi de que, como tal conhecimento só aparecia em exemplos pontuais (houve, inclusive, quem achou que sua cidade não parecia “exótica” e interessante o suficiente e quem creditou a si parte da responsabilidade por não ter explorado mais seus exemplos), a presença dos mesmos como originários de outros lugares realmente não influenciou o desenvolvimento do curso.

Levando em consideração tudo o que já foi discutido neste trabalho sobre a aprendizagem advinda do encontro entre pessoas com identidades culturais diferentes, parece um desperdício não aproveitar esse encontro em um curso que aborda exatamente a produção de cultura e forma profissionais que movimentarão os cenários culturais do país. Pelo que pudemos ver das respostas dos alunos, existe todo esse potencial adormecido no curso – muito graças às diferentes pessoas e culturas que chegam todo semestre – mas ele não é aproveitado em sua estrutura. Além disso, se olharmos a realidade da Produção Cultural no país sob o âmbito acadêmico, percebemos a evidente carência na maioria dos institutos acadêmicos – carência que não reflete a demanda dos diversos mercados culturais por produtores culturais.

Apesar de ser bacharelado e de ser uma ocupação conhecida por não precisar de um diploma, mas de experiência, o curso de Produção Cultural é de extrema importância para se estudar e entender a realidade cultural do país e do mundo. O grande foco do curso, como dito antes, é de pensar a cultura politicamente, e foi a partir da vivência como um sujeito em deslocamento e de todas as discussões e leituras durante a graduação que eu pude concordar com Rogério (ROGÉRIO, 2008, p. 12) e

[...] conceber que esta é um processo dinâmico e não estático e, assim como a identidade, constrói-se num continuum, numa dinâmica de posições que se entrelaçam. O território é uma relação social mediada e moldada na/pela materialidade do espaço, ou seja, não é uma “coisa” que se pode simplesmente possuir ou não. Mais importante, portanto, do que a forma concreta dessas categorias que aqui discutimos (cultura, identidade, território, lugar) são as relações com as quais significamos e nos apropriamos de cada uma delas e é nesse sentido que ganha importância os deslocamentos e fluxos.

Absolutamente todos os entrevistados avaliaram a experiência de se mudar para Niterói para estudar Produção Cultural como positiva. Todos compartilharam como a experiência foi de um enriquecimento pessoal sem precedentes e como esse deslocamento ampliou seus horizontes. Agora, seja voltando para nosso aconchego, seja mandando notícias do mundo de cá, partindo sem ter planos pela longa estrada que somos, subindo no trem azul, correndo para não perder o trem das sete, embarcando no Expresso 2222¹³, andando devagar e tocando em frente, temos todo um mundo de possibilidades, de mais deslocamentos e identidades a serem descobertas. O certo é que esse deslocamento, assim como todos os que ainda nos esperam, imprimiu-se em nossa pele e nosso âmagô e nos transformou em pessoas que *estão* aqui e assim hoje, mas que podem muito bem mudar tudo amanhã. Somos híbridos, somos entrelaçados, somos múltiplos, somos plurais, somos tudo e somos nada, somos abertamente o mistério do planeta.

¹³ ANEXO H.

5 CONCLUSÃO

Ao nascer, simplesmente por nascer em meio a uma sociedade, o indivíduo carrega uma série de expectativas para seu futuro, que correspondem, via de regra, com o que é considerado norma da sociedade em que ele vai se inserir. Será baseado nos costumes desse lugar, nos relacionamentos que ele trará, no aprendizado que terá, que o sujeito – em sua primeira fase do desenvolvimento, a infância – construirá seu referencial de mundo, de si, de suas identidades. Essas identidades serão imprescindíveis para que essa pessoa consiga se situar no mundo e se comunicar com as demais pessoas, pois também é de praxe que o primeiro conhecimento travado entre duas pessoas seja a apresentação própria de uma para a outra, ou seja, elas se valem do que entendem como sua identidade para se comunicar com os outros e com o mundo.

O conceito de identidade vai muito além dos dados gerais que uma criança escreve na primeira página da agenda escolar ou de uma etiqueta. Sim, ter identidades pressupõe a possibilidade de se identificar para (e com) os outros, mas é muito mais complexo do que isso. Principalmente porque, ao se identificar, é sugerida uma solidez que não condiz com a mutabilidade e o dinamismo do ser. As identidades culturais são mutáveis, não fixas, e, quando mudam, não significa uma anulação do que já foi construído, mas um acréscimo de ideias e características - vide o sujeito em deslocamento que, por sua mudança de local também causa e sente os efeitos de tal mudança em si e no local de chegada, tornando-o verdadeiramente um sujeito em fluxo.

O sujeito, ao se deslocar, modifica suas identidades e o novo local em que se estabelece, por meio de sua interação com o ambiente e com os demais sujeitos. Não é por se tornar um sujeito em deslocamento que o mesmo para de se identificar com seu lugar de origem, mas, como a identificação também é mutável e elástica, ela se transforma para abarcar novas identidades advindas desse encontro com o imaginário do novo ambiente em que se coloca. Esse fluxo produz identidades híbridas, que o situam em um entre-lugar. Nesse processo ocorre uma espécie de elasticidade do sentimento de pertencimento e identificação de um sujeito com relação ao território ou aos territórios que habita e a influência do mesmo em tal(is) território(s), pensando-se, assim, numa pluralidade, ou seja, em multiterritorialidades.

Em linhas gerais, estes três parágrafos resumem o que vimos durante nossa “viagem” neste trabalho. Descobrimos a elasticidade da identidade, as infinitas possibilidades de se relacionar com um espaço e com as pessoas nele, as múltiplas consequências que uma ação como mudar de casa pode acarretar e, principalmente, como todos esses conceitos estão

interligados nos sujeitos. Acompanhamos o trajeto dos sujeitos em deslocamento e as mudanças pelas quais os mesmos passam ao longo e por causa de tal trajeto. Entendemos o funcionamento de um curso tão importante para os estudos culturais e para a formação de profissionais que se responsabilizaram por, literalmente, produzir a cultura nos lugares em que decidirão trabalhar e, com tal entendimento, pudemos responder as perguntas que originaram este trabalho.

Constatamos que o curso de Produção Cultural, apesar da preocupação com uma formação fora de uma produção puramente mercadológica e que preze por manifestações culturais “periféricas” e “alternativas”, segundo os alunos, não apresenta uma abordagem sobre as diferentes culturas brasileiras condizente com a proposta do curso, com a presença do curso em instituições de ensino pelo Brasil e com a realidade do corpo discente. Também vimos que a presença dos sujeitos em deslocamento não interfere na estrutura do curso nem tem seu potencial totalmente aproveitado pelo curso, no que tange às diferentes culturas relativas aos diferentes territórios de onde esses sujeitos originam.

Quanto à formação multicultural, desses sujeitos, há necessidade de maior aprofundamento nas aulas obrigatórias, que efetivamente estruturam o curso, pelo foco principal ser a realidade fluminense. Aqui é importante frisar que se analisa a eficiência do curso a partir de seu potencial, com relação principalmente à realidade das pessoas que o fazem, mas não se descarta o trabalho feito. Em resumo, o trabalho é bom, mas está longe de atingir o que é possível e suficiente na formação de profissionais que reconheçam e transitem pela pluralidade brasileira.

Por fim, os sujeitos acreditam que a formação dada por Produção Cultural os habilita a trabalhar tanto no mercado cultural fluminense quanto no de seus lugares de origem. Portanto, o problema não é total ineficiência, mas o desperdício. Produção Cultural é um curso que podemos facilmente classificar como raro no Brasil. Seja por se referir a uma profissão tida como da prática, seja por ter nascido de uma iniciativa particular, sejam quaisquer os motivos que causam sua ausência em outras universidades, por exemplo, o que se sabe como certo é que, em todos os territórios em que a cultura se manifesta, produtores culturais são necessários. Ora, se existe um bacharelado em Produção Cultural que, segundo os próprios alunos, os forma profissionais que podem trabalhar em mais de um território e mercado cultural, é imprescindível colocar a diversidade cultural como estruturante de tal formação e se aproveitar das diferentes fontes de pesquisa. Não somente isso, como pudemos constatar neste trabalho, território, cultura e identidade são conceitos importantíssimos para a construção identitária de um sujeito e o modo como ele se portará na sociedade e no mundo.

Para um(a) produtor(a), compreender as diferentes realidades, visões e identidades culturais expande suas possibilidades e viabiliza um trabalho que dialogue com muito mais do que um território, uma identidade cultural e um povo. Viabiliza uma produção que pense no mundo como uma grande teia de aranha, em que as relações que travamos e as informações que passamos são os elos que a grande aranha Comunicação teceu. Trabalhar tendo como base de olhar e missão a diversidade cultural incentiva uma produção que entenda as consequências a serem ocasionadas a partir de si mesma e seu poder como influenciadora e transformadora.

Os sujeitos em deslocamento, só por se deslocarem, vivem na pele, todos os dias, o poder da troca cultural, de traçar paralelos e de ver o mundo não só pelo que ele é, mas pelo que ele pode ser (não que pessoas que não se deslocaram não possam ter uma visão similar). Nós entendemos como o contato com a terra e com as identidades culturais que são ligadas ao “lar” é significativo. Nós, migrantes, viajantes, retirantes, andamos por aí, carregando um pouco de cada lugar pelo qual passamos e das pessoas que conhecemos e espalhando um pouco de nós em cada lugar e com cada pessoa.

Alguma coisa acontece em nossos corações, como canta Caetano. Quando chegamos, nada entendemos e, bem Narcisos, achamos feio o que não é espelho. Nem sempre são começos fáceis. Até os diálogos começarem a ser feitos e o avesso do avesso do avesso do avesso se transformar em realidade. Aí, como borboletas do caos, efetivamente saímos de nossos casulos, para nos tornarmos do mundo, pelo mundo e para o mundo. É, então, nos bailes da vida que muita gente boa põe o pé¹⁴ nesse Brasil enorme, com tanta gente, tanta história e tanto lugar pra se conhecer.

¹⁴ ANEXO I.

REFERÊNCIAS

A CHAVE da casa. (Trailer). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vdhWzmtTCsQ>>. Acesso em: 5 out. 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma única história (Palestra). 2009. Filmada por TED Global. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>. Acesso em: 22 nov. 2016.

ALLENDE, Isabel. **Meu país inventado**. Tradução de Mario Pontes. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. 2. ed. São Francisco: Aunt Lute Books, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C. A. (Org.). In: **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002, p. 229-239.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.

BRASIL. **Censo da educação superior 2013: resumo técnico**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2013.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2016.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2009.

CASTELLS, Manuel. **The power of identity: the information age: economy, society and culture**. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações - 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DORFMAN, Ariel. **Uma vida em trânsito: memórias de um homem entre duas culturas**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998.

FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil (1808-1824-1974)**. São Paulo: Instituto Hans Staden/Federação dos Centros Culturais, 1974.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10. São Paulo, **Anais...** São Paulo: USP, 2005.

HAESBAERT, Rogério. Relação da Geografia com a Cultura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P5N2x78YZYk>>. Acesso em: 10 out. 2016.

HAESBAERT, Rogério. Território e territorialidade: um debate. **GEOgraphia**, ano IX, n. 17, 2007.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista & Realidade**, p.15-46, jul./dez, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. 1. ed. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonaram Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

JACQUES, Jackson. **Quarta capa**. Ilustração de Clarice Rosadas. Niterói: [s. n.], 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa (tomo 1)**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

ROGÉRIO, R.M. Cultura e identidade nos espaços de fluxos da contemporaneidade. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26. Porto Seguro, 2008.

SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Portal Produção Cultural UFF. Disponível em: <<http://www.uff.br/procult/index.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

PESQUISA: IDENTIDADES EM FLUXO: uma análise sobre as construções identitárias dos sujeitos em deslocamento no curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense de Niterói-RJ

Graduanda: Clara Cardoso Ferreira Costa

DADOS DO (A) ENTREVISTADO (A)

Nome:

Matrícula:

Idade:

PERGUNTAS

1. Qual a sua cidade/região de procedência? (local de origem)
2. O que o (a) motivou a cursar Produção Cultural?
 - a) o estudo da cultura local (sua origem cultural)
 - b) o estudo de outras realidades e expressões culturais
 - c) outros motivos.....
3. Você se deslocou especificamente para cursar Produção Cultural?
Sim () Não () Por quê?.....
4. Como você analisa/avalia a sua experiência de se mudar para o Rio de Janeiro (Niterói) para estudar Produção Cultural?
 - a) Positiva, porque
 - b) Negativa, porque
5. Você se identifica com as culturas do seu lugar de origem? Sim () Não ()
6. Você se identifica com as culturas de outras localidades? Sim () Não ()
7. Considerando suas respostas das perguntas 5 e 6, você diria que o curso de Produção Cultural influencia ou influenciou? Sim () Não () Por quê?.....
8. O contato com pessoas de diferentes origens culturais no curso interferiram na sua formação acadêmica? Sim () Não () Por quê?.....
9. No que tange à abordagem multicultural e pensando nas culturas do seu lugar de origem, você se sentiu contemplado no curso de Produção Cultural?
Sim () Não () Por quê?.....
10. Você percebeu, em algum momento durante o curso, que a sua presença e o seu conhecimento acerca das culturas do seu lugar de origem foram aproveitados ou influenciaram o desenvolvimento do curso?
Sim () Não () Comente
11. Para você que está concluindo o curso, você se percebe apt@ para trabalhar no mercado cultural do seu lugar de origem do mesmo jeito que no mercado fluminense? Sim () Não ()

12. Considerando sua resposta da pergunta 11, você acredita que isso é devido à formação dada pelo curso? Sim () Não () Por quê?.....
13. Estando em fase de conclusão do curso, você considera que a sua identidade cultural de origem foi preservada? Sim () Não () Por quê?.....
14. Ao concluir o curso você pretende retornar à sua localidade de origem e trabalhar com a cultura local? Sim () Não () Por quê?.....
15. Qual avaliação você faz do curso de produção cultural quanto à formação multicultural?
16. Você gostaria de acrescentar alguma informação, relacionada à temática da pesquisa, que não foi questionada nesta entrevista?

Muito Obrigada!

ANEXO A – LETRA DE “LAMENTO SERTANEJO”

(Composição: Dominginhos/Gilberto Gil)

Fonte: Google Play Music

(https://play.google.com/music/preview/Tqwt2zhyaloc4jvmecpvxxrhzmi?lyrics=1&utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=lyrics&pcampaignid=kp-songlyrics)

Por ser de lá

Do sertão, lá do cerrado

Lá do interior do mato

Da caatinga, do roçado

Eu quase não saio

Eu quase não tenho amigos

Eu quase que não consigo

Ficar na cidade sem viver contrariado

Por ser de lá

Na certa por isso mesmo

Não gosto de cama mole

Não sei comer sem torresmo

Eu quase não falo

Eu quase não sei de nada

Sou como rês desgarrada

Nessa multidão boiada caminhando a esmo

ANEXO B – LETRA DE “MODINHA PARA GABRIELA”

(Composição: Dorival Caymmi)

Fonte: Diário FM 99.7 (<https://www.diariofm.com.br/letras/gal-costa/modinha-para-gabriela>)

Quando eu vim para esse mundo

Eu não atinava em nada

Hoje eu sou Gabriela

Gabriela é meus camaradas

Eu nasci assim eu cresci assim e sou mesmo assim

Vou ser sempre assim Gabriela, sempre Gabriela

Quem me batizou quem me nomeou

Pouco me importou é assim que eu sou

Gabriela sempre Gabriela

Eu sou sempre igual não desejo o mal

Amo o natural etc e tal

ANEXO C – LETRA DE “A VIDA DO VIAJANTE”

(Composição: Luiz Gonzaga)

Fonte: Letras (<https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/>)

Minha vida é andar por esse país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei

Chuva e sol
Poeira e carvão
Longe de casa
Sigo o roteiro
Mais uma estação
E alegria no coração

Minha vida é andar por esse país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei

Mar e terra
Inverno e verão
Mostro um sorriso
Mostro a alegria
Mas, eu mesmo, não
E a saudade no coração

ANEXO D – LETRA DE “SAMPA”

(Composição: Caetano Veloso)

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas

Ainda não havia para mim, Rita Lee
A tua mais completa tradução
Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos Mutantes

E foste um difícil começo
Afasta o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva

Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba
Mais possível novo quilombo de Zumbi
E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
E novos baianos te podem curtir numa boa

ANEXO E – LETRA DE “MISTÉRIO DO PLANETA”

(Composição: Moraes Moreira/Luiz Galvão)

Fonte: Google Play Music

(https://play.google.com/music/preview/Tf26zsi2vb6e4vqyiohxvanp4cu?lyrics=1&utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=lyrics&pcampaignid=kp-songlyrics)

Vou mostrando com sou
E vou sendo como posso,
Jogando meu corpo no mundo,
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus
Ou vestidos de lunetas,
Passado, presente,
Participo sendo o mistério do planeta

O tríplice mistério do “stop”
Que eu passo por e sendo ele
No que fica em cada um,
No que sigo o meu caminho
E no ar que fez que assistiu
Abra um parênteses, não esqueça
Que independente disso
Eu não passo de um malandro,
De um moleque do Brasil
Que peço e dou esmolas,
Mas ando e penso sempre com mais de um,
Por isso ninguém vê minha sacola

ANEXO F – LETRA DE “ASA BRANCA”

(Composição: Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira)

Fonte: Site Luiz Lua Gonzaga

(http://www.luizluagonzaga.mus.br/000/?option=com_content&task=view&id=106&Itemid=103)

Quando oiei a terra ardendo
Qua fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse a deus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para eu voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus oio
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

ANEXO G – LETRA DE “ALEGRIA, ALEGRIA”

(Composição: Caetano Veloso)

Caminhando contra o vento
 Sem lenço e sem documento
 No sol de quase dezembro
 Eu vou

Ela pensa em casamento
 E eu nunca mais fui à escola
 Sem lenço e sem documento
 Eu vou

O sol se reparte em crimes
 Espaçonaves, guerrilhas
 Em cardinales bonitas
 Eu vou

Eu tomo uma Coca-Cola
 Ela pensa em casamento
 E uma canção me consola
 Eu vou

Em caras de presidentes
 Em grandes beijos de amor
 Em dentes, pernas, bandeiras
 Bomba e Brigitte Bardot

Por entre fotos e nomes
 Sem livros e sem fuzil
 Sem fome, sem telefone
 No coração do Brasil

O sol nas bancas de revista
 Me enche de alegria e preguiça
 Quem lê tanta notícia
 Eu vou

Ela nem sabe até pensei
 Em cantar na televisão
 O sol é tão bonito
 Eu vou

Por entre fotos e nomes
 Os olhos cheios de cores
 O peito cheio de amores vãos
 Eu vou
 Por que não, por que não

Sem lenço, sem documento
 Nada no bolso ou nas mãos
 Eu quero seguir vivendo, amor
 Eu vou

Por que não, por que não?

ANEXO H – LETRA DE “EXPRESSO 2222”

(Composição: Gilberto Gil)

Fonte: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=expresso+2222+letra>

Começou a circular o Expresso 2222	De água e sal
Que parte direto de Bonsucesso pra	De água e sal
depois	Ô, menina, de água e sal
Começou a circular o Expresso 2222	Dizem que parece o bonde do morro
Da Central do Brasil	Do Corcovado daqui
Que parte direto de Bonsucesso	Só que não se pega e entra e senta e anda
Pra depois do ano 2000	O trilho é feito um brilho que não tem fim
Dizem que tem muita gente de agora	Oi, que não tem fim
Se adiantando, partindo pra lá	Que não tem fim
Pra 2001 e 2 e tempo afora	Ô, menina, que não tem fim
Até onde essa estrada do tempo vai dar	Nunca se chega no Cristo concreto
Do tempo vai dar	De matéria ou qualquer coisa real
Do tempo vai dar, menina, do tempo vai	Depois de 2001 e 2 e tempo afora
Segundo quem já andou no Expresso	O Cristo é como quem foi visto subindo
Lá pelo ano 2000 fica a tal	ao céu
Estação final do percurso-vida	Subindo ao céu
Na terra-mãe concebida	Num véu de nuvem brilhante subindo ao
De vento, de fogo, de água e sal	céu

ANEXO I – LETRA DE “BAILES DA VIDA”

(Composição: Milton Nascimento/Fernando Brant)

Fonte: Google Play Music

(https://play.google.com/music/preview/Tegyoe6irfzkadjgtyaesufgz7m?lyrics=1&utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=lyrics&pcampaignid=kp-songlyrics)

Foi nos bailes da vida ou num bar

Em troca de pão

Que muita gente boa pôs o pé na profissão

De tocar um instrumento e de cantar

Não importando se quem pagou quis ouvir

Foi assim

Cantar era buscar o caminho

Que vai dar no sol

Tenho comigo as lembranças do que eu era

Para cantar nada era longe tudo tão bom

Até a estrada de terra na boléia de caminhão

Era assim

Com a roupa encharcada e a alma

Repleta de chão

Todo artista tem de ir aonde o povo está

Se for assim, assim será

Cantando me disfarço e não me canso

De viver nem de cantar

ANEXO J – POEMA “A ILUSÃO DO MIGRANTE”

Autoria: Carlos Drummond de Andrade

Fonte: Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade

(<http://www.fccda.mg.gov.br/index.php/drummond-110-anos?id=320:a-illusao-do-migrante-trevo-do-areao&catid=69>)

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?)
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.

Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,

rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoam incessantemente
em nossas fundas paredes.

Novas coisas, sucedendo-se,
iludem a nossa fome
de primitivo alimento.
As descobertas são máscaras
do mais obscuro real,
essa ferida alastrada
na pele de nossas almas.

Quando vim da minha terra
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado, enganoso